

Anna Curtenius Roosevelt¹
Tradução: Alexandre Guida Navarro

Tradução
**OS WARAO DO DELTA DO ORINOCO: UMA
CULTURA DE PALAFITEIROS**

¹ Referência do Original

RESUMO

A descoberta de aldeias de palafitas pré-históricas chamadas de *estearias* na região estuarina do estado do Maranhão, no leste do Brasil, serve de exemplo de comparação etnográfica com as aldeias de palafitas na América do Sul. Os Warao, indígenas das terras baixas do delta do Orinoco, são povos cuja adaptação cultural às várzeas das florestas tropicais inclui casas construídas sobre estacas sobre a água, além de outras estruturas. Neste artigo, apresentaremos as características da cultura Warao, registradas ao longo de mais de quatrocentos anos. Embora sua cultura às vezes seja representada como uma rara sobrevivência dos primeiros grupos de caçadores-coletores do Holoceno, as evidências corroboram para grupos de uma variação regional das maiores culturas da floresta tropical da Amazônia. Embora a aculturação forçada de missionários, fazendeiros, proprietários de serrarias e agricultores no final do século 20 tenha integrado alguns Warao às nações ocidentais, a maioria deles ainda vive em áreas úmidas de florestas ribeirinhas ou de marés, como registraram os primeiros exploradores europeus. A sociedade tradicional Warao ainda é organizada em famílias matrilocais lideradas por uma mulher mais velha, suas filhas, cônjuges e filhos. Os Warao ainda vivem a partir da exploração sazonal de frutos, amido de palmeiras cultivadas, domesticadas e selvagens, ervas, cultivo de milho e pesca. A caça da maioria dos grandes animais é tabu, mas espécies menores são consumidas e patos são domesticados. As estruturas materiais de seus assentamentos, geralmente feita de colmo, são distribuídas e construídas em plataformas elevadas sobre estacas ou no solo em diques aluviais mais altos. Pequenos edifícios rituais nos assentamentos incluem uma casa de isolamento ritual para mulheres a oeste, e, a leste, um santuário com ídolos de pedra, instrumentos rituais e um armazém para estocagem de amido de palmeiras para festivais sazonais. A rica ideologia religiosa dos Warao concentra-se nos espíritos ancestrais e deidades astronômicas de um cosmos mítico estabelecido pela primeira xamã, uma divindade chamada "Mãe da Floresta". Seu alter ego, a serpente da água, está representada nas canoas que os Warao se especializaram em fazer. Um festival anual liderado por mulheres e oficializado por sacerdotes-xamãs de ambos os sexos celebra a colheita de amido do buriti com canto, dança, festa e confecção de artesanato especial. Reconhecidos como navegadores e remadores infatigáveis, os Warao sempre comercializaram ativamente seus inúmeros produtos, desde canoas, remos, redes e cestas a pássaros domésticos, cães de caça e peixes defumados.

INTRODUÇÃO

Arqueólogos têm descoberto aldeias de palafitas pré-históricas bem preservadas nas terras baixas do Maranhão, na costa leste do Brasil (Navarro 2018a, 2018b). São conhecidas como *estearias*. A evidência arqueológica desses novos sítios indica uma ocupação longa e dinâmica nesta região. Os esteios de madeira de nove sítios foram datados entre cerca de 6000 e 900 anos atrás, com a maioria das datas agrupadas em torno de 1100 anos atrás (datações não calibradas). Estes sítios mais tardios têm uma cerâmica policroma abundante, com algumas semelhanças com a cerâmica da Ilha de Marajó, a leste do estado do Pará, além da contemporaneidade com seus montículos, cerâmica esta que também aparece ao norte do Brasil e também ao longo da costa brasileira mais ao sul (Brochado 1984; Meggers e Evans 1957; Roosevelt 1991; Schaan 2004).

No entanto, algumas das aldeias de palafitas do Maranhão têm vasilhames com formas diferentes daquelas, com decorações incisadas nas suas bordas, comparáveis às cerâmicas pré-históricas mais recentes do estágio Formativo no Baixo Amazonas, no leste do Brasil, nas Guianas e norte da Venezuela (Evans e Meggers 1960; Oliver 2014; Olsen, 1996; Roosevelt 1976; 1980; 1995; Roosevelt et al. 1991; Crucent, Rouse /1958-1959 e Roosevelt 1978). Datações em torno de 2000 BP em sítios da Baixada Maranhense podem se referir a uma ocupação do Formativo. Além disso, um esteio do sítio Encantado apresentou uma datação de C-14 em cerca de 6000 BP, comparável às datas dos sítios cerâmicos arcaicos nas costas do Baixo Amazonas e das Guianas (Roosevelt 1995; Roosevelt et al. 1991). Esses locais, ocupados por especialistas em pesca, produziram a cerâmica mais antiga das Américas. Todas essas descobertas sugerem que viver em aldeias de palafitas foi uma peculiar adaptação de longa duração das condições de vida nas zonas úmidas do leste do Maranhão.

OS WARAO

Há pouca literatura sobre a história e pré-história dos Warao e, aqueles que a desenvolveram, tiveram que especular sobre sua história e evolução, e algumas dessas especulações parecem equivocadas. Alguns etnógrafos afirmaram que os Warao são uma cultura antiga de caçadores-coletores descendentes dos primeiros forrageiros marinhos do Holoceno, conhecidos em sítios arqueológicos nas costas do Caribe da América do Sul (Wilbert 1972: 65-115). Tais estudiosos sugerem que o peixe era o alimento principal dos Warao, no passado distante. A maioria dos antropólogos representa os Warao, tradicionalmente, como forrageiros de frutos silvestres de palmeiras, do palmito e do amido do caule, uma dieta suplementada com frutos de árvores, peixes e pequenos animais; até que as plantas cultivadas foram introduzidas por outros grupos indígenas como os Arawak e Caribes, e, depois, por colonos e missionários europeus (Heinen 1988:

611-618; Heinen ed. 1988; Wilbert 1972: 65-115; Sanoja e Vargas 1995: 359-382; Wilbert 1980a)¹.

Porém, não há evidências arqueológicas que sustentem os Warao puramente como forrageiros. Os Warao, de fato, representam a horticultura como parte de sua crença criada por heróis culturais em tempos prístinos (Roth 1915; Wilbert 1972: 91). Ao contrário do que alguns antropólogos afirmaram sobre a subsistência dos Warao baseada exclusivamente em plantas silvestres e animais coletados ou caçados apenas para o consumo, muitas espécies de plantas usadas por eles são conhecidas por serem domesticadas, cultivadas ou plantadas através de manejo intensivo, em vez de espécies selvagens. As plantas incluem palmeiras de buriti (*Mauritia excelsa* L.), açai (*Euterpe oleraceae* Mart.), ubuçu (*Manicaria saccifera* Gaertn.) e a orelha-de-elefante da América do Sul (*Xanthosoma sagittifolium*). Algumas espécies usadas no cultivo foram trazidas de outros lugares, e espécies selvagens não são encontradas na área Warao. Outras espécies são oriundas de áreas úmidas que provavelmente estavam sob o manejo humano nas terras baixas como no próprio território Warao. Não há razão para supor que seu uso foi introduzido de fora da região Warao. Portanto, espécies domesticadas ou cultivadas são uma parte importante da economia e ritual tradicional dos Warao. Assim, os Warao, conhecidos desde os tempos pré-históricos, não podem ser considerados forrageadores.

A cultura Warao é semelhante, de muitas maneiras, à dos horticultores de florestas tropicais das terras baixas amazônicas da América do Sul (Kirchoff, 1948). Sazonalmente, os Warao dependem fortemente de palmeiras, como a maioria dos povos amazônicos, e cultivam uma famosa palmeira domesticada, a pupunha (*Bactris gasipaes*). Os Warao, em algumas áreas de seu território, também cultivam plantas amplamente consumidas na América do Sul, como a mandioca e o milho, além de condimentos domésticos comuns, como pimentas e frutas como o abacaxi. Outras plantas como a orelha-de-elefante sul-americana (*Xanthosoma sagittifolium* L. Schott) foram são amplamente cultivadas pelos índios nas terras baixas tropicais a leste dos Andes. De fato, os botânicos consideram o nordeste da Venezuela, onde os Warao vivem, como um provável local onde esta espécie foi originalmente cultivada. E, como os Warao, os horticultores de florestas tropicais que vivem nas várzeas da Amazônia obtêm a proteína animal mais através da pesca que da caça, de modo que a preferência pela pesca em oposição à caça não os diferencia de outros índios das florestas tropicais. A cultura material Warao também não difere significativamente de outros índios das terras baixas. Embora alguns Warao não façam cerâmica, outros fazem, e existem sítios arqueológicos cerâmicos espalhados por seu território. Além disso, os Warao compartilham uma história da criação e cosmologia mítica semelhante, em muitos detalhes, aos de outros índios das florestas tropicais. As principais divindades que eles reconhecem, o Sol e uma mulher xamã com o alter ego da Anaconda, são compartilhados com muitos dos outros grupos. Um grande número de indígenas amazônicos,

¹ Heinen e seus colegas mais tarde mudaram de opinião para aceitar o cultivo tradicional de buriti e algum cultivo de milho.

como os Warao, atribui sua origem aos ancestrais que nasceram do corpo em forma de canoa da Deusa Serpente. E alguns desses povos nas terras baixas da América do Sul, como os próprios Warao, organizam sua vida familiar em torno de uma mulher e suas filhas, a quem honram com ritos especiais de iniciação, embora outras famílias se organizem em torno de um homem e seus filhos também.

HISTÓRIA DO CONTATO

No início da colonização da América do Sul e do Caribe, os Warao foram contatados pelos europeus que navegavam nas costas do continente e na ilha de Trinidad e no delta do Orinoco (Heinen 1988: 597-604; Whitehead 1997). A chegada dos europeus causou um período de turbulência, com diferentes grupos indígenas atacando outros a pedido de diferentes nacionalidades europeias que disputavam o território (Keymis 1596). Na época, como agora, os Warao viviam tanto em lagos no interior das ilhas do delta quanto nos diques dos rios e nas costas adjacentes. Os Warao estavam envolvidos no comércio com outros grupos étnico e os europeus aderiram a esse comércio, trocando ferramentas, tecidos e materiais de metal por itens como canoas, peixes e frutas. Sem gastar um tempo significativo nos assentamentos Warao, alguns exploradores europeus relataram que eles praticavam apenas a pesca e coleta de frutas, afirmando que viviam inteiramente sem o uso da agricultura ou criação de animais (por exemplo, Raleigh 1997: 156-163). Com base em relatórios como os de Raleigh, alguns antropólogos supuseram que os primeiros Warao históricos eram puros caçadores-coletores e que suas práticas de horticultura foram introduzidas por outros grupos indígenas (Heinen 1988; Suarez 1968; Wilbert 1972, 1980a). No entanto, essa conclusão dos etnógrafos parece não ser precisa, pois a subsistência tradicional dos Warao depende de cultivo de raízes fortemente adaptadas ao pântano e de palmeiras e árvores que os botânicos classificam como domesticadas e/ou cultivadas.

Após o início da colonização, contatos esporádicos com os Warao foram relatados ao longo dos séculos. Os Warao passaram por uma evangelização principalmente protestante em meados do século XIX na Guiana Britânica (por exemplo, Schomburgk 1847-1848; Brett 1852, 1881), e depois por católicos em meados do século XX (Barral 1960? Heinen 1988: 597-604; Suarez 1968 ; Wilbert 1980a). Os missionários católicos da Venezuela fizeram questão de tentar viajar a todas as comunidades conhecidas "to form the new mentality of the sons of god" (Barral 1979: 528, 600, 706; Dupouy em Barral 1960?: X-XI). Depois que estações missionárias foram construídas nos diques dos rios na margem do território Warao, os padres convenceram algumas famílias a enviar seus filhos pequenos para elas para serem "internados" em internatos regimentados. Mas, tanto na Venezuela quanto na Guiana Britânica, muito do que os jovens fizeram nas estações missionárias foi o trabalho básico para manter e suprir as missões e trabalhar em negócios missionários, como serrarias, sem remuneração. Seus benefícios educacionais foram

mínimos. Entre as décadas de 1940 e 1980, muitos Warao foram persuadidos a usar nomes europeus (Botuka em Heinen ed. 1988: 114-116; Morokoni em Heinen ed. 1988: 110-113, 117-119); a maioria, no entanto, também mantinha “apelidos” indígenas ou nomes relacionados à família, e continuava mantendo crenças e rituais tradicionais. Alguns xamãs masculinos, no entanto, foram persuadidos pelos padres em parar de executar certos rituais e canções de cura (Olsen, 1996). Alguns Warao se fundiram com a população mestiça do baixo Orinoco e do delta, mas um grande número de Warao na Venezuela parece continuar se afastando das missões e dos assentamentos nas margens dos rios, pântanos e do interior das ilhas do delta. O DNA deles, como veremos abaixo, é muito uniforme e não reflete a mistura com pessoas de origem europeia.

Quando as populações venezuelanas entraram na área Warao na década de 1950 para construir fazendas e ranchos, empregaram-nos. Os etnólogos disseram que a coivara para plantio de milho e mandioca foi introduzida na economia Warao neste momento, mas, como veremos, essas plantas já estavam sendo cultivadas em sua na área há mais de um século. Embora os etnólogos tendam a retratar essas mudanças como uma transição de um sistema indígena de forrageio puro para o de agricultura, essas mudanças seriam descritas melhor como um incremento de manejos de plantas e novas formas de criação de animais à agro-silvicultura e à criação de raízes suplementadas com pesca e coleta de conchas. Além disso, o estabelecimento de assentamentos nas margens dos rios pelas famílias Warao seria um restabelecimento, e não um novo padrão sem precedentes, uma vez que eles haviam ocupado esses lugares anteriormente, de acordo com os relatos mais antigos mencionados acima.

Como os Warao entrevistados pelos etnólogos falam sobre a sua aculturação e sua relação com a sociedade em geral? Alguns elogiam os missionários por ensiná-los (Heinen ed. 1988), mas a maioria descreve com ressentimento sua relação desigual com os cidadãos venezuelanos. Eles dizem que os colonos, a quem chamam de *criollos*, limitaram seu acesso aos recursos e às informações e que nem os cidadãos venezuelanos nem as instituições nacionais mantêm seus acordos com os Warao. Eles entendem que a aculturação significou ser transportados para uma subclasse às margens da sociedade ocidental.

Eles caracterizaram sua posição na sociedade como marginais e “escravos” (Katose in Heinen ed. 1988: 106-108): *“I want the children to go with me and learn how to fish. When we go to the moriche palm groves to gather sago starch, I want our children to be with their mother and myself. If they don't learn how to gather palm starch and to catch fish, they will have no other choice but to work for the criollos. They will become the slaves of the criollos. Yes, dahe, that is why I do not send my children to school. If we forget how to live in the forest, we will all become slaves of the criollos. We will be clearing fields for them to grow rice. We will cut lumber and palmito for them. And we will be carrying boards the whole day in the sawmill. I like to fish and to live in the forest. In a similar vein, another Warao man says: Our late forefathers showed us, so this custom will always go on. We Warao cannot change*

and become something else. If one knows how to live in the forest, it is not work. If we abandon living in the forest the way our ancestors lived, we will be sitting around here waiting for the criollos to give us work. Then we will depend on the criollos for food (Idamo Kabuka in Heinen ed. 1988: 108-109)".

PESQUISA ANTROPOLÓGICA SOBRE OS WARAO

Alguns naturalistas, administradores e missionários coloniais realizaram observações de qualidade acadêmica nas comunidades e habitats Warao (por exemplo, Brett 1852, c. 1880: 50-86, 1881; Hilhouse 1825, 1834; Roth 1915, 1924; Schomburgk 1847-1848). Sua capacidade de observação vai da botânica e zoolo-gia aos pequenos detalhes do artesanato das mulheres. Os primeiros estudos et-nográficos modernos foram realizados por missionários em meados do século XX (por exemplo, Barral 1957a e b, 1958, 1964), que tinham interesses antropológicos diversos, desde linguística até simples canções vernaculares.

A pesquisa antropológica sobre os Warao também começou na mesma época, por um grupo de antropólogos de interesses variados (Heinen 1988: 604-608). Johannes Wilbert, da UCLA, assumiu um papel de liderança nesses estudos e fez contribuições significativas para a literatura sobre os Warao (1956a e b; 1963, 1976, 1980a e b; 1993, 1987). Seus escritos exploraram vários aspectos. Sua contri-buição mais importante foi, provavelmente, a coleta, interpretação e publicação do folclore e do ritual Warao como parte de seu principal programa sistemático de publicação de literatura oral ameríndia (Wilbert 1964, 1970, 1993). Mas seus artigos sobre a literatura oral dos Warao costumam parafrasear suas falas, em vez de citar as palavras exatas usadas pelos indígenas, um processo que permite que o filtro da cultura ocidental tenha mais espaço para impactar as histórias. Além disso, ele e seus colegas às vezes deixam sem tradução das histórias os nomes de heróis, demônios e divindades. Quando traduzidos, esses nomes podem fornecer informações muito importantes sobre a natureza fenomenológica e conceitual das figuras míticas, suas características ecológicas e suas conexões com as cos-mologias de outras sociedades indígenas das terras baixas. O desconhecimento do significado dos nomes pode diminuir o nível de interpretação possível para o leitor, mas é muito importante para futuros projetos de tradução.

Outra característica do trabalho etnográfico de Wilbert era sua tendência ao masculinismo. Embora ele reconhecesse que a divindade principal dos Warao era do sexo feminino e que as famílias extensas estavam organizadas em torno de uma líder feminina mais velha, seus descendentes e afins, ele não cita entrevistas com mulheres Warao, apenas entrevistas com homens. Como Gerardo Reichel-Dolmatoff, Wilbert também baseou suas reconstruções da cosmologia Warao nos testemunhos de apenas um conjunto de xamãs. Ele também nunca examinou os papéis de liderança das mulheres e usou termos pejorativos ou humilhantes para papéis femininos e termos de destaque social para homens. Assim, o pequeno

santuário que ele atribuiu aos homens era um “templo”, mas a arquitetura ritual feminina era uma “cabana”, apesar de suas dimensões semelhantes (Wilbert 1972, 1980a). Ele se refere aos principais “deuses” ancestrais chamados Kanobo como personagens masculinos, embora reconheça que a deusa central desse panteão também era uma Kanobo (Wilbert 1993). Os únicos xamãs e padres que ele consultou eram homens, embora reconhecesse que as mulheres também eram xamãs e realizavam cerimônias. Nisso, Wilbert contrasta com um pesquisador eminente anterior a ele, Walter Roth, sobre o mito e ritual Warao, que frequentemente entrevistava mulheres mais velhas e incluindo suas histórias e pensamentos (por exemplo, 1915: 194, 196, 256). Ele também contrasta com o missionário Barral, que escreveu um artigo inteiro com textos de canções de ninar de mães (Barral, 1957b) e incluiu declarações importantes de mulheres anciãs sobre as crenças religiosas dos Warao (por exemplo, Barral 1969; 1981) e fotos de rituais de mulheres realizando cerimônias públicas (por exemplo, Barral 1979: 358).

Outro etnógrafo dos Warao muito importante Dieter Heinen, que cita Wilbert como mentor. Heinen (1988) desenvolveu uma síntese abrangente da ecologia histórica dos Warao. Embora originalmente determinista ambiental, ele incluiu, em trabalhos posteriores, dados sobre os possíveis efeitos do manejo e cultivo dos Warao em seus ambientes à medida que novas informações surgiam (Heinen et al. 1995). Como Wilbert, Heinen cita principalmente informantes do sexo masculino, mas seu trabalho acrescenta um elemento novo, valioso e significativo à evidência: inúmeras gravações, transcrições e traduções verbais das palavras exatas dos informantes Warao. Através desses registros, pode-se ver como os Warao caracterizam as coisas, em contraste com o que os etnógrafos fazem. Tanto Heinen como outro protegido por Wilbert, Dale Olsen, corrigiram a falta de citações de canções e histórias dos Warao, publicando várias canções extensas e testemunhos verbais (Heinen 1988 ed., 2009 ed; Heinen e Gasson 2008; Olsen 1996). Esses relatos muito úteis permitiram que os Warao falassem por si para formular suas próprias interpretações.

A antropóloga venezuelana Maria Matilde Suarez a partir de 1963 (1968, 1971) realizou vários anos de pesquisa entre os Warao. Seu foco estava na organização social Warao, na terminologia de parentesco e nos costumes do casamento. Sua maneira de definir os Warao tende a seguir premissas semelhantes às de Wilbert e de seus colegas, mas ela difere quanto à organização social, rejeitando a caracterização dos Warao como matrilinear devido à falta de linhagens com profundidade de tempo. Ela propõe que, sob a influência missionária e dos *criollos* no século XX, os Warao estavam evoluindo de um sistema de parentesco matrilinear para um sistema cognático (Suarez 1971: 63, 97, 114-115). No entanto, ela reconhece a forte influência que a residência matrilocal dos Warao confere aos direitos preferenciais do grupo de descendentes femininos à vida comunitária sobre os demais e a conseqüente forte preferência que os Warao exercem por crianças do sexo feminino (Suarez 1971: 88-89, 91-96). Algumas de suas publicações incluem inúmeras fotografias dos Warao na década de 1960 (Suarez 1968).

HISTÓRIA CULTURAL DOS WARAO

Na ausência de informações empíricas sobre o passado Warao, Wilbert e Heinen tiveram que especular sobre sua pré-história e história. Como alguns outros etnógrafos do século XX, Wilbert usou teorias progressivas sobre a evolução humana para organizar e interpretar informações etnográficas, mas não pôde testar as teorias com evidências, porque isso envolveria pesquisa arqueológica. Na época, os principais antropólogos que editaram o *Handbook of South American Indians* viam o passado indígena como uma sucessão de estágios evolutivos discretos limitados pelos habitats. Eles acreditavam que os caçadores-coletores e as tribos das florestas tropicais (Kirchoff 1948; Steward e Faron 1959: 441-4424) não teriam templos, ídolos e classes sociais, de modo que os Warao deviam compreender uma sociedade originada de uma migração da região central dos Andes. Wilbert (1956a; 1972: 3-12) empregou uma versão desse paradigma derivado das costas caribenhas da América do Sul e das Antilhas (Cruxent e Rouse 1958-1959; Rouse e Cruxent 1963). A sequência envolveu, possivelmente, caçadores paleolíticos caucasoides com pontas de projéteis de pedra lascada, forrageiros marinhos Mesoíndigenas possuidores de ferramentas de pedra e ossos e agricultores Neoíndios do Formativo portadores de cerâmica e tecelagem (Wilbert 1993: 145-146). Como Wilbert classificou os Warao como forrageadores Mesoíndios que viviam em um habitat difícil, ele inferiu que eles não teriam desenvolvido um culto aos ídolos no templo, e por isso hipotetizou que houve uma migração Warao de territórios provenientes da área das civilizações andinas que influenciaram sua cultura (1956). Mario Sanoja e Iraida Vargas (1995), arqueólogos venezuelanos influenciados por proeminentes arqueólogos americanos da Smithsonian Institution em meados do século XX, estenderam essas formulações teóricas com uma interpretação marxista e determinista ambiental do passado Warao. O cenário deles previa que os ancestrais Mesoíndios dos Warao foram expulsos das costas venezuelanas por agricultores do estágio Formativo portadores de cerâmica procedente dos Andes.

Mas o que se sabe agora sobre os índios da Amazônia evidencia um cenário mais complexo (Baronne e Roosevelt eds. 2010; Roosevelt ed. 1994). Das muitas culturas descobertas e datadas desde então nas várzeas tropicais da América do Sul, sabemos agora que o povo Paleo não era de origem europeia, mas ameríndio e, na maioria das vezes, não eram grandes caçadores, mas sim forrageiros. Na mesma época, 11.000 a 10.000 BP, havia caçadores-coletores de amplo espectro no extremo norte do continente, caçadores de mamutes e bisontes nas planícies altas, pescadores/coletores de moluscos nas costas da Califórnia e do Peru, coletores de palmito e frutos de palmeiras/pescadores na Amazônia, caçadores de emas e guanaco nos pampas e florestas do Cone Sul e pescadores/coletores de moluscos na Terra do Fogo (Roosevelt 2000a; Roosevelt et al. 1996, 2000 a-b, 2002, 2009). Escavações na várzea tropical da América do Sul mostram que os primeiros paleoíndios tiveram uma adaptação ecológica de amplo espectro, com ênfase na

pesca e coleta de frutos de palmeira, um padrão que continua em partes da área até hoje. Eles também mostram que os primeiros ceramistas foram intensivos forrageiros ribeirinhos e costeiros contemporâneos dos “mesoíndios” da costa norte da Venezuela (Roosevelt 1995; Roosevelt et al. 1991). Estes sítios são chamados de sambaquis ou concheiros, mas a maioria dos alimentos da fauna que representam são peixes, não mariscos. Sambaquis desses ceramistas foram encontrados em partes da terra natal dos Warao (Brett 1881: 132-137, 251, 257-158; Evans e Meggers 1960; Roosevelt 1995; Rostain 2008; Williams 1992). De fato, uma das culturas mais antigas de sambaquis ceramistas tem o nome de Aruka, um afluente do rio Barima, onde Schomburgk visitou muitas aldeias Warao no início da década de 1840 (Schomburgk 1847-1848: mapa após p. 470; 1876). Os agricultores do Formativo da tradição Saladoide/Barrancoide surgiram pela primeira vez no Orinoco, não nos Andes, e os primeiros sítios arqueológicos de sua cultura são encontrados no território dos Warao no Orinoco (Cruxent e Rouse 1958-1959; Oliver 2014; Rouse e Cruxent 1963; Sanoja 1979; Sanoja e Vargas 1995; Vargas 1981; Versteeg 2008). No período tardio da pré-história, algumas populações da Amazônia e do Orinoco organizaram-se em chefias supremas, construíram montículos e praticavam a agricultura intensiva, em vez da coivara (Cruxent e Rouse 1958-1959; Roosevelt 1980, 1995, 2016; Stenborg ed. 2004), e uma fase desta cultura se estende ao delta do Orinoco. Portanto, parece provável que os Warao tenham feito parte de todas essas culturas.

Inicialmente, os antropólogos não consideraram que os Warao tradicionais pudessem ter sido tanto cultivadores quanto forrageadores. A maioria dos índios da Amazônia que vive hoje faz as duas coisas e faz isso há milhares de anos; a maioria dos classificados pelos evolucionistas como caçadores-coletores não o são (Roosevelt 1998). Pesquisas recentes sobre a subsistência nas terras baixas tropicais mostram que a agrossilvicultura tropical é uma forma importante de cultivo intencional de plantas na atualidade, não apenas o manejo de plantas ou coivara (Anderson 1988; Balee 1989, 2013; Politis 1996, 2007; Smole 1976). A maioria dos cultivadores de florestas tropicais também depende muito da forragem, principalmente da pesca. Wilbert e seus colegas perceberam que algumas das palmeiras e árvores das quais os Warao utilizam são espécies cultivadas, não selvagens, e que seus aglomerados no delta não poderiam persistir indefinidamente sem a intervenção humana (Heinen et al. 1995; Wilbert 1980a). Mas eles atribuíram o manejo de plantas que eles observaram entre os Warao como sido introduzido por estrangeiros no século XX. No entanto, tanto o milho quanto a mandioca parecem ser cultivos antigos no baixo Orinoco (Oliver 2008, 2013; Roosevelt 1980, 1998, 2016), e os relatos do século XIX mostram que os Warao também os cultivavam em seu território (Roth 1915; Schomburgk 1847-1848, 1876). Outros manejos de plantas Warao observadas naquela época também são cultivos tradicionais hoje em dia. Então, qual poderia ser a história de longa duração Warao da prática de todos esses cultivos domesticados? Sem amostragem arqueobotânica detalhada de escavações estratigráficas simplesmente não saberemos.

Como mencionado, os antropólogos acreditam que os ancestrais Warao viviam em uma área mais ampla do que sua atual terra natal no delta do Orinoco (Kirchoff 1948: 869-870). Os estudiosos apontaram a ocorrência de nomes de lugares indígenas semelhantes ao dos Warao em toda a costa do Caribe, desde a Colômbia até a foz do Orinoco na Venezuela (Sanoja e Vargas 1995; Wilbert 1957) e a localização em Trindade de uma importante montanha sagrada para (Harris 2011). Com base em possíveis topônimos relacionados à língua Warao, alguns linguistas e arqueólogos também teorizaram que os primeiros habitantes das ilhas do Caribe eram falantes Warao (Granberry e Vescelius 2004), embora suas evidências sejam bastante escassas, consistindo em apenas uma palavra aqui e ali.

Até o momento, porém, existem poucas evidências para avaliar os movimentos hipotéticos dos Warao e de seus ancestrais. Até agora nenhuma cultura arqueológica foi associada aos Warao. Seriam os primeiros sambaquis do delta do Orinoco os restos dos seus ancestrais? Nesse caso, eles parecem mostrar uma transição muito antiga para o modo de vida ceramista na área. Seria a cerâmica Saladoide/Barrancoide nos locais do delta uma herança do movimento Arawak no Orinoco? O entusiasmo em identificar a cultura Warao com antigos Arawaks não é acompanhado pelas evidências de uma conexão linguística onde as pessoas agora falam Arawak, e o movimento das culturas deste Horizonte provavelmente tanto subiu como desceu para o Orinoco, dado que as datas mais antigas estão no médio e baixo Orinoco, e não no alto Orinoco, com base na datação por radiocarbono. No entanto, a maioria dos sítios desses estilos ainda não foi datada definitivamente, portanto ainda não sabemos a história completa do estilo cerâmico. Outro enigma é que os Warao deveriam ter se refugiado nos pântanos do delta do Orinoco para escapar dos ataques canibais dos povos Karib. As culturas arqueológicas Arauquioides mencionadas acima são algumas vezes associadas com os falantes Karib etnohistóricos no médio e baixo Orinoco (Gumilla 1791; Lathrap 1970) e estilos cerâmicos pré-históricos tardios associados à fase Guarguapo foram encontrados no delta do Orinoco (Cruxent e Rouse 1958- 1959). Representariam estes sítios os mitos canibais dos Warao? Outros grandes horizontes culturais das terras baixas tropicais são claramente multi não mono-linguísticos (Roosevelt 1991). Todas essas questões devem aguardar a exploração arqueológica sistemática do delta.

LÍNGUA DOS WARAO

É consenso que a língua Warao seja isolada, de acordo com os muitos relatórios de linguistas e etnógrafos (Campbell 1997; Seifart e Hammarstrom 2017: 264). O vocabulário distinto da língua e a ordem das palavras - objeto / sujeito / verbo - contrasta com o de todas as outras línguas da região (Herrmann 2002). Os linguistas haviam vinculado os Warao à família Macro-Paezana (Greenberg 1960), mas nenhuma análise linguística detalhada suporta essa hipótese. Há muito tempo se observa que o vocabulário Warao inclui palavras desses e de outros

grupos de idiomas, como das famílias Aruaque e Karib (Barral 1958, 1979), mas os linguistas (Campbell 1997; Seifart e Hammarstrom 2017: 264) agora aceitam essas palavras como prováveis empréstimos que ocorreram ao longo da existência Warao por centenas, senão milhares de anos, através de viagens entre o Orinoco, Guianas, costa e ilhas do Caribe, além da longa tradição de comércio e atividade de navegação e canoagem (Hilhouse 1825). O empréstimo de palavras também passou dos Warao para outros grupos. Os linguistas descobriram que a palavra Taino para assento cerimonial, *duho*, é provavelmente derivada da palavra Warao *duhu*, banquetta ou banco para sentar (Mosonyi et al. 2000), pois para ela não há etimologia em Taino. Outros autores também encontraram palavras relacionadas aos Warao em topônimos nas Grandes Antilhas, sugerindo, assim, que as culturas arcaicas de lá pudessem ter vindo da terra natal dos Warao, no nordeste da Venezuela (Granberry e Vescelius 2004; Wilbert 1957). De acordo com essa visão, comparações recentes do DNA de grupos indígenas do continente, incluindo os Warao, sugerem que as populações das Ilhas do Caribe têm uma forte origem geográfica unitária nas populações da Amazônia e do Orinoco (Moreno-Estrada et al. 2013). No entanto, as tentativas de encontrar semelhança genética dos Warao com grupos da família de idiomas Chibchanos não foram bem-sucedidas (Layrisse e Wilbert 1966; Layrisse et al. 1963). Os linguistas também identificaram palavras relacionadas ao Warao em línguas indígenas pós-contato ao longo da costa norte da Venezuela (Granberry e Vescelius 2004). Tais palavras poderiam ter se espalhado pela rede de comércio ou indicar a existência de aldeias anteriores nessas áreas pelos ancestrais dos Warao, um padrão previsto por alguns etnólogos e arqueólogos (Sanoja e Vargas 1995; Wilbert não em Barral 1957a; 1972). No entanto, os linguistas atuais têm desafiado os arqueólogos e antropólogos a examinar e testar criticamente suas suposições sobre a expansão de idiomas e outros elementos culturais durante a pré-história (Campbell 2002).

Nas centenas, senão milhares, de anos em que o idioma foi falado, houve pouca diversificação na população Warao. Observações do respeitado polímata colonial britânico Im Thurn sugerem que as variações dialéticas entre os Warao em seu tempo consistiam apenas em pequenas diferenças de pronúncia (1883: 165) e esse ainda continua sendo o caso cem anos depois (Barral 1969; Suarez 1968). Assim, dentro de sua terra natal, o povo da canoagem manteve uma boa comunicação interna. Apesar de sua longa participação no comércio e trabalho com outros grupos, as populações Warao foram protegidas da aculturação linguística imposta por seu relativo isolamento geográfico até muito recentemente. Sua terra natal é cercada por grandes e caudalosos rios e seu interior é protegido pelo labirinto de ilhas e cursos de água, sempre mudando devido às duas variações diárias de marés e às inundações sazonais e periódicas. No entanto, suas práticas ecológicas, sociais e religiosas se enquadram na área cultural de floresta tropical das terras baixas orientais sul americanas. Isso corrobora com as evidências de que os estilos culturais suprarregionais da Amazônia não separaram grupos de idiomas, mas os integraram dentro deles (por exemplo, Roosevelt 1991).

ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA E GENÉTICA DOS WARAO

Os antropólogos que estudaram os Warao realizaram vários estudos colaborativos de sua antropologia física (Gendzekhadze et al. 2004; Layrisse e Wilbert 1966; Wilbert e Layrisse 1980: 115-165).

Para resumir o que se sabe até agora, os Warao são claramente ameríndios. Estudos da genética dos índios Warao, no entanto, mostram que o grupo é imunologicamente muito homogêneo e não mostra evidência genética de mistura com europeus ou africanos que chegaram com a conquista (Gendzekhadze et al. 2004). Esses padrões estão de acordo com a aparente história cultural da população como sendo espacialmente localizada nas áreas úmidas da floresta do delta do Orinoco como um refúgio de intrusão, aculturação e fusão biológica com as populações nacionais ao seu redor. A total falta de padrões genéticos imunológicos compartilhados com os europeus nas amostras estudadas parece ser uma evidência definitiva de sua identidade biológica ameríndia.

Os homens Warao são 100% da linhagem do cromossomo Y Q M3 *, que é comum entre as amostras indígenas das várzeas tropicais da América do Sul. A entrada do cromossomo Y Warao nas Américas é calculada em c. 14.000 anos (Bortolini et al. 2003), que seriam cerca de 12.000 anos calibrados por radiocarbono, quase exatamente a data de início da cultura paleoíndia Nenana no Alasca e nos Territórios Yukon, no Canadá. Essa linhagem é considerada ancestral do cromossomo Y Q-M19 que tem uma distribuição mais restrita na América do Sul (Alves-Silva et al. 2000). Assim, a genética Warao, como agora conhecida, é consistente com a chegada dos paleoíndios no Pleistoceno final, não antes do Máximo Glacial Tardio em c. 20.000.

LOCALIZAÇÃO E DEMOGRAFIA

Por centenas de anos, pelo menos, os Warao têm vivido nas florestas tropicais úmidas e pântanos do delta do Orinoco, principalmente na Venezuela e, em menor grau, em Trinidad e Tobago, Guiana e Suriname. Eles são reconhecíveis nos relatos de vários exploradores no século XVI. No final do século XVI, Raleigh observou que praticamente todo o grande delta do Orinoco estava ocupado por eles (Raleigh 1997: 132, 158-161, 165, 191-192). "*All those that inhabite in the mouth of this river upon the several north branches are these ...*" (Raleigh 1997: 158). Segundo Neil Whitehead (1997: 158), "*Raleigh accurately names the Siamani and Waraouwitu ("true Warao"), related groups together comprising the Warao or Tivitivas*". Os etnógrafos observaram, em meados do século XX, que os nomes de grupos de aldeias locais derivam dos nomes das aldeias ancestrais ou do nome de um líder (Suarez, 1968).

Apesar do decréscimo populacional devido às epidemias de novas doenças infecciosas introduzidas durante o período de contato e da expulsão de parte de suas terras pelos europeus (Plassard 1868; Schomburgk 1840: 48), as popula-

ções Warao se recuperaram e mantiveram populações consideráveis por um longo tempo. Alguns missionários e pesquisadores do século XIX que trabalhavam na porção Warao da Guiana Britânica mencionaram uma redução de população à época estimando-a em alguns milhares, mas não está claro se eles estavam falando de toda a população do delta (Brett 1852, 1881). Embora a densidade populacional tenha diminuído um pouco em relação às estimativas mais altas, elas ainda chegaram a 70.000 em meados do século XX (Heinen 1988: 620-623; Heinen ed. 1988; Heinen et al. 1995; Wilbert 1980a; Wilbert e Layrisse 1980: 167-247). No final do século XX, os Warao ainda mantinham uma saúde bastante robusta (Wilbert e Layrisse 1980: 160-165). Eles também tinham um bom estado nutricional, a única deficiência observada era a anemia, o que não é incomum, mesmo na população nacional. As principais queixas apresentadas nas clínicas de saúde foram a disenteria, infecções de pele e doenças respiratórias com febre. Não foram encontradas infecções parasitárias por malária, leishmaniose, chagas ou febre amarela. No entanto, recentemente, a saúde dos Warao foi afetada por doenças infecciosas graves, trazidas pelo aumento do contato com pessoas de fora do delta desde o final do século XX (Semple 2018), mas esses males são encontrados mais entre os Warao que optaram por seguir ocupações em áreas de populações nacionais, missões e negócios. Mas a diminuição da imunidade geral devido às más condições de vida pode estar relacionada à erupção de doenças relatadas recentemente (Romero 2008).

HABITAT

Os Warao habitam um território altamente diversificado e produtivo (Beebe et al. 1917; Lasso e Sanchez-Duarte 2011; Lasso et al. 2010; Schomburgk 1847-1848), embora tenham experimentado algumas tensões recentes severas com a pecuária e o cultivo intensivo de arroz, madeira e exploração de petróleo. O habitat do Warao é basicamente fluvial, e não um litoral marinho, como tem sido insistido por alguns etnógrafos (Wilbert 1993: 145-146). Como é o caso da Amazônia, o rio Orinoco tira tanta água e sedimentos da sua foz que afasta a massa de água salgada que de outra forma banharia a área costeira. A água salgada apenas entra durante a estação da seca, quando a inundação de água doce diminui, mas isso só causa salobridade nas águas de alguns córregos, e a maioria da terra é inundada por água doce, seja das chuvas ou do transbordamento do Orinoco nas estações sazonais.

O terreno no delta do Orinoco é pantanoso e de topografia baixa, mas variável. O Orinoco traz para o delta uma grande quantidade de sedimentos, que tendem a se estabilizar à medida em que a velocidade da água diminui ao encontrar o oceano. As terras mais altas da região foram produzidas por depósitos aluviais construídos perto dos canais dos riachos. Inúmeras ilhas ribeirinhas dividem o labirinto de grandes e pequenos riachos que fluem pelas planícies de

inundação.

A vegetação do delta é característica de floresta tropical inundada sazonalmente ou por marés, embora diques e o leito de rios fluviais evidenciem vegetação herbácea nos estágios iniciais de seu surgimento. Perto da costa do Atlântico, onde entra água salobra, predomina a vegetação de mangue. Grande parte da vegetação é adaptada às inundações frequentes devido ao lençol freático geralmente alto e às entradas de marés duas vezes ao dia ao longo da costa atlântica. O nível médio da água varia de acordo com as principais estações do ano, diminuindo mais durante os meses mais secos do inverno e aumentando durante a estação chuvosa do verão. Durante a estação chuvosa, o nível da água sobe vários metros, inundando grande parte do terreno, criando ilhas nas terras mais altas. As ilhas aluviais, favorecidas tradicionalmente por assentamentos tendem a desenvolver uma topografia semelhante a uma bacia com lagoas ou lagos no centro, porque suas margens recebem mais sedimentos do que seus interiores. Os etnógrafos do século XX descreveram esses pântanos no interior das grandes ilhas delta como o habitat "real" dos Warao (Heinen 1988: 608-611; Heinen et al. 1995; Wilbert 1972), mas também está documentado que desde o contato também viviam nos diques não inundados dos rios do delta e nas cabeceiras dos riachos (Creveaux 1883; Raleigh 1997; Schomburgk 1847-1848). Os Warao fizeram expedições de um microhabitat para outro em busca de recursos sazonais alimentares. Suas casas na várzea são elevadas em postes ou troncos de árvores sobre a água. Em terra firme, suas casas são construídas no chão. Devido à divisão da terra por inúmeros canais fluviais, os Warao são canoeiros inveterados.

As mudanças ambientais sazonais afetaram a disponibilidade de importantes recursos alimentares entre os Warao, como palmeiras, ocumos ou orelhas-de-elefante e fauna aquática, principalmente peixes e tartarugas. Assim, o buriti e o amido de seu tronco estão disponíveis durante a estação seca, quando a produtividade da pesca também é alta. Os peixes são escassos nas águas barrentas da inundação da estação chuvosa, mas a seiva nutritiva de buriti é abundante, além de suas flores, recursos que a maioria dos observadores não mencionou. O ocumo é cultivado na estação seca, quando são expostos aos terrenos lamacentos. Nas roças de terra firme, as lavouras são plantadas perto do final da estação seca, pouco antes do retorno das chuvas.

Embora haja pouca aceitação na literatura moderna, os naturalistas do século XIX reconheceram o domínio das formações botânicas antrópicas no delta (por exemplo, Schomburgk 1847-1848). Em terra firme, eles observaram grupos de espécies de árvores e palmeiras domésticas, cultivadas e manejadas na alta e diversificada floresta tropical. Nas terras baixas e frequentemente inundadas, o agrupamento de palmeiras de buriti em assentamentos atuais e abandonados foi reconhecido na literatura recente (por exemplo, Heinen et al 1995). O papel humano na presença dessa vegetação tropical é agora reconhecido como uma causa significativa da grande diversidade da vegetação da floresta tropical na Amazônia (Steege et al. 2013; e referências em Roosevelt 2013b).

CULTURA TRADICIONAL WARAO ARTES E OFÍCIOS

A cultura material Warao é comparável, basicamente, à da maioria das culturas amazônicas, que variam em detalhes, dependendo do habitat e do grau de integridade cultural indígena versus a aculturação. Talvez sua forte dependência de palmeiras específicas para alimentação, como o buriti; a moradia; ferramentas e tecidos seja distinta, mas muitos indígenas das terras baixas usam partes da palmeira para ferramentas, roupas e ornamentos. A fibra da palmeira e da casca de árvore, bem como o algodão, é usada para fazer tecidos para as tangas (Creveaux 1883; Im Thurn 1883: 194; Wilbert 1963, 1993: 255) bandagens e redes². Muitos tipos de cestas para recipientes e peneiras são feitos por ambos os sexos. As mulheres fabricam artefatos de cestaria tanto para venda quanto para uso. Contas de materiais vegetais e contas comerciais de vidro são usadas para fazer enfeites e aventais decorativos para mulheres. Para os rituais, as pessoas também decoram seus corpos com plumas coloridas (Plassard 1868: 581). Os Warao do século XVIII são descritos como ornamentando seus narizes com discos de prata (Bancroft 1769: 265). Outras características distintivas dos materiais Warao estão relacionadas ao habitat fluvial e das marés e à proximidade da costa. Suas canoas e remos feitos por homens são itens encontrados amplamente nas comunidades Warao que vivem ao longo dos rios, mas não tanto nas poucas áreas distantes dos riachos navegáveis. Grandes conchas de moluscos e lâminas de madeira de palmeira são usadas para ferramentas de corte.

Etnógrafos recentes insistem que os Warao não sabem fazer cerâmica (Suarez 1968; Wilbert 1980a; 1993: 34). Embora os Warao do início do século XIX tenham feito cerâmica, desde meados do século XX, usavam painéis de metal e recipientes de plástico (Schomburgk 1847-1848: 130). Até mesmo as aldeias Warao com os mesmos nomes que os recentes etnógrafos estudaram (Mariusa, Winikina, Araguabise, Curiapo e Guaro) são descritas pelos primeiros estudiosos que viveram com eles no século XIX como um “talento em arte cerâmica” (Plassard 1868: 591-592). Até algumas trombetas Warao são feitas de barro (Schomburgk 1847-1848: 856)³. Alguns sítios arqueológicos também possuem cerâmica (Brett 1881: 257-258; Sanoja e Vargas 1995; Cruxent e Rouse 1958-1959), e a culinária está presente nos mitos de criação Warao (Wilbert, 1970). Parece provável, portanto, que seus ancestrais pré-históricos também fossem ceramistas. É difícil dizer até que ponto remonta a fabricação de cerâmica na área Warao. Brett menciona que os níveis inferiores dos sambaquis no território Warao parecem não ter cerâmica, mas pode ser que são simplesmente mais escassas nesses níveis. Embora os estudiosos em princípio pensassem que os primeiros moluscos do Arcaico guianense eram pré-cerâmicos, todos agora concordam que há cerâmica (Roosevelt 1995).

² Wilbert pensa que a rede não é originária entre os Warao (1993: 34), mas ela é mencionada nas descrições orais ancestrais e nas histórias de criação desse povo (Wilbert 1970; 1993: 268).

³ Roth em uma nota de rodapé a este trabalho confirma que ele também tinha visto algumas delas.

Embora a arte Warao tenha sido pouco analisada na literatura, ela parece ricamente desenvolvida no contexto ritual. Os padrões da cestaria feminina incluem desenhos da pele da anaconda, o alter-ego da importante divindade “Mãe da Floresta”. A madeira e a pedra são esculpidas para moldar ídolos representando espíritos ancestrais, embora nenhum tenha sido ilustrado. As tábuas de madeira também são cortadas e pintadas com várias cores para cocares de dança e enfeites de arco para canoas (Wilbert 1993: ilustração e legenda da capa). As imagens destes arcos mostram espíritos, neste caso, um espírito antrópico de borboleta. Cabaças domesticadas (*Crescentia cujete L.*) são moldadas para fazer grandes chocalhos cerimoniais, decorados tanto com incisão simples como complexa e pintura representando humanos, animais e corpos celestes (Barral 1979: 316; Suarez 1968 : Fig. 48; Wilbert 1993: 136, Fig. 5-1). Plumagens coloridas para ornamentação e referência simbólica estão associadas a muitos itens, incluindo alguns chocalhos cerimoniais, roupas, braçadeiras ou adornos para as pernas. O estilo e motivos iconográficos, bem como seus usos, são comparáveis à arte de outros grupos antigos e atuais das terras baixas.

PADRÕES DE ASSENTAMENTO

As casas multifamiliares são construídas no chão ou em plataformas de toras elevadas em estacas e conectadas com passarelas, também de madeira. A cozinha geralmente fica em uma plataforma separada, mas conectada à casa, em um nível um pouco mais baixo dela. Grandes plataformas de dança para rituais calendáricos de colheita também são erguidas nas aldeias suspensas (Gumilla 1791: 142-145; Wilbert 1980a). Etnógrafos e arqueólogos da segunda metade do século XX consideram as aldeias de palafitas Warao como sua forma original de habitação (Heinen 1988; Heinen ed. 1988; Sanoja e Vargas 1995; Wilbert 1972). Eles levantaram a hipótese de que os assentamentos Warao nas margens do rio eram uma resposta às intervenções missionárias e captação de emprego pelos *criollos*. Hoje, os Warao têm seus assentamentos tanto no interior pantanoso como nas terras mais altas ao longo das margens das ilhas, rios e riachos do delta. Além disso, alguns dos primeiros relatos, incluindo os de Raleigh, descreveram os Warao vivendo tanto em terra firme como em estacas sobre a água nos lagos e rios dos pântanos interiores do delta. Von Humboldt (1850: 147-149) pensou que Raleigh devia ter se enganado sobre as casas serem colocadas nas árvores, mas Hilhouse e Brett mais tarde viram casas construídas em grupos de palmeiras de buriti, cujos topos foram cortados para apoiar as plataformas (veja a citação abaixo). Nos tempos pré-históricos em outras partes dos deltas estuarinos do leste da América do Sul, as pessoas costumavam a construir montes para elevar suas habitações acima das inundações (Roosevelt 1991, 2012; Navarro, 2018a-c). Hilhouse (1834: 327-328) também diz que, embora os Warao tenham construído casas de palafitas em áreas sujeitas a inundações, eles também constroem casas no chão, nas terras

altas e secas das cabeceiras dos riachos.

Os assentamentos Warao consistem em uma ou mais casas multifamiliares e seus anexos. Na década de 1830, Hillhouse (1834: 327) viu assentamentos com até 100 pessoas e, na década de 1840, Richard Schomburgk (1847-1848: 88) viu 12 casas em Cumaka, uma aldeia Warao de terra firme no rio Aruka⁴. Nas áreas baixas, as casas são elevadas acima das áreas de inundações, tanto em postes quanto em plataformas, montes de terra ou em troncos de árvores vivas. Para os assentamentos recentes, os etnógrafos descrevem os Warao cortando os postes dos troncos de palmeiras de buriti e cravando-as na lama, deixando pelo menos dois metros de altura acima do nível do solo (Heinen et al. 1995). No início do século XIX, Hillhouse e Brett viram os Warao construir palafitas dentro da mata, cortando as hastes das palmeiras de buriti e anexando a plataforma da casa a elas (Brett 1881: 105; Hillhouse 1834: 327). *"Innumerable clusters of the ita (or mauritia) palm stud the surface of that wild and muddy region. The Warraus use the upright trunks of the living trees as posts, thatch a roof overhead beneath their fan-like, leafy crowns, and make a flooring of split trunks above the mark of former inundations. On this rude floor they place a thick layer of clay for a hearth, and kindle thereon the fire necessary for their daily wants"* (Brett 1881: 105).

Como mencionado, as grandes plataformas construídas sobre os postes cortados ou troncos de buriti sustentam as casas, dependências e uma área coletiva para dança ritual. Cada moradia possui uma cabana de cozinha separada, localizada na borda da plataforma, em um nível um pouco mais baixo. Uma dessas principais dependências são a casa de reclusão para mulheres, a oeste e o santuário para os ídolos dos ancestrais e o armazém de amido de buriti a leste. Estas dependências estão unidas à plataforma principal por pontes cujo assoalho é formado por troncos de açaí cortados ao meio e dispostos um ao outro horizontalmente.

SUBSISTÊNCIA

Os Warao tradicionais são descritos como exclusivamente forrageadores de caça e coleta que obtêm toda a sua comida através dos recursos selvagens (por exemplo, Wilbert 1972, 1980a). Essa categorização geral parece imprecisa. Surge da ideia, a priori, de muitos antropólogos de que os Warao são "reliquias" do período pré-agrícola, "Mesoindígenas". Conforme mencionado na introdução e nas seções deste artigo sobre o trabalho etnográfico, os antropólogos afirmaram que os Warao são antigos caçadores-coletores que tradicionalmente não praticavam o cultivo de plantas ou a criação de animais. No entanto, nunca foi observado que os Warao não dependessem de plantas domesticadas e/ou cultivadas e de animais domésticos ou domesticados, e vem sendo demonstrado arqueologicamente a relação entre os Warao e plantas tanto no Orinoco, como nas Guianas e na costa caribenha. Além disso, essa classificação como caçadores-coletores não surge de nenhum estudo

⁴ Quando Roth traduziu o livro de Schomburgk em 1847, o local havia sido reduzido a um sítio arqueológico, tendo a área sido ocupada por uma plantação comercial de borracha.

detalhado da subsistência do Warao ao longo do tempo. Desde o início da pesquisa antropológica sobre o Warao, seu padrão de subsistência e habitat nunca foram analisados com os métodos quantitativos necessários para avaliar os papéis de diferentes alimentos nas economias indígenas (capítulos 7 e 8 em Roosevelt ed.1994). Portanto, conclusões sobre sua economia atual são avaliações baseadas em impressão, não estudos sistemáticos. Quando esses estudos são realizados, os resultados geralmente são diferentes das avaliações feitas por mero olhar camuflado.

No entanto, algumas generalizações são possíveis com base na longa história de observações de naturalistas e etnógrafos. Embora a maioria dos etnógrafos dos Warao tenha trabalhado principalmente com informantes do sexo masculino, evitando o trabalho com mulheres, normalmente encarregadas de plantar, cultivar e cuidar de animais, fica claro que os Warao dependem de plantas domésticas, sendo cultivadores delas, possuindo, também, animais domésticos. Esta conclusão é baseada nas características das plantas e animais que foram observados em uso em suas comunidades desde o Contato. Como a maioria dos povos indígenas das várzeas da Amazônia e do Orinoco, os Warao têm sua subsistência principal nos abundantes peixes de rios e riachos. Eles também caçam, em menor escala, e coletam caranguejos, mariscos e tartarugas, mantendo, além destes, patos domesticados. Para alimentos vegetais, eles se baseiam principalmente no majestoso buriti, cujos frutos, palmito, amido e seiva provavelmente forneceram a maior parte das calorias da dieta. Mas várias outras palmeiras são comumente plantadas, e uma delas é uma espécie definitivamente domesticada. Os produtos de inúmeras outras palmeiras e árvores, muitas delas plantadas, também são consumidos regularmente pelos Warao. Uma cultura de raiz nativa domesticada, chamada localmente ocumo ou orelha-de-elefante, também era uma importante fonte tradicional de alimento, como a mandioca, o milho, a pimenta e o urucum. Na medida em que os Warao se tornavam cada vez mais integrados às culturas nacionais, eles adicionaram várias dietas ao seu cardápio sem abandonar as tradicionais.

FAUNA

Estudos etnográficos recentes sobre os Warao afirmam que seus principais alimentos oriundos da fauna eram peixes e tartarugas de rio, com caça ocasional de pequenos animais e suplementos sazonais formados de pequenos frutos do mar, como caranguejos e moluscos (por exemplo, Heinen 1988; Wilbert 1972). A ênfase dos Warao na pesca e na falta de inclinação para caçar grandes mamíferos é observada há pelo menos duzentos anos. No início da década de 1840, Richard Schomburgk (1847-1848: 126) observou que apenas os pássaros e roedores menores eram ativamente procurados por caçadores e caçadoras. Parece que os Warao praticaram o tabu com mamíferos maiores, como veados e anta, que os etnógrafos pensaram que eles deveriam estar caçando porque são “animais de caça nutricionalmente mais valiosos” (Wilbert 1972: 68-69). A explica-

ção das pessoas para evitar mamíferos maiores foi que os animais são como seres humanos. Uma explicação ecológica que vem à mente é que os peixes são muito mais abundantes na biomassa do delta do Orinoco do que os animais de caça, que são mais difíceis de adquirir e precisam ser consumidos mais rapidamente. Assim, buscar peixes é uma fonte alimentar mais confiável e abundante e mais econômica do trabalho humano. Em sua forte dependência de peixes em vez de caça, os Warao se assemelham à maioria dos ameríndios horticultores da Amazônia. Portanto, isso não os faz “caçadores-coletores”. Schomburgk observou que os Warao também coletavam moluscos suficientes para formar sambaquis (Schomburgk 1876: 12). Os Warao são considerados pescadores especializados, que têm um profundo conhecimento da ecologia e do comportamento social de suas presas e desenvolveram inúmeras ferramentas para capturá-las. Eles têm uma ampla variedade de instrumentos para pescar, como cercas, cestos de captura de peixes, arco e flecha e arpão (Roth 1924).

Os antropólogos insistem que o único animal doméstico entre os Warao é o cachorro (Suarez 1968; Wilbert 1980a): “*The Warao make no economic use of any domestic animal except the dog*” (Wilbert 1972: 96). Mas, como ressalta Schomburgk, os assentamentos Warao estavam cheios de animais domésticos ou domesticados (Schomburgk 1847-1848: 93; 1848: 357). Ele relata que as mulheres Warao domaram ativamente muitas espécies de aves e mamíferos jovens, incluindo macacos, gambás, grandes roedores, mutum, papagaios, araras e outros pássaros, alimentando mamíferos infantis nos seios (Schomburgk 1847-1848: 128-129): “*The pride of the women consists mainly in the possession of a large number of tame domestic animals.*” Em seus relatos, os Warao também são descritos como mantendo patos-do-mato (*Cairina moschata* L.) e construindo gaiolas para os pássaros. Embora etnógrafos recentes afirmem que os patos-do-mato nos assentamentos de Warao são “patos selvagens” (Heinen ed. 1988: 127; Suarez 1968: 81), essa é uma espécie de pato muito comum e muito domesticada na planície da América do Sul (Donkin 1988) como os patos-reais nativos da América do Sul, com base em dados genéticos (Johnson et al. 1999). As variedades mantidas na área Warao (Hilhouse 1834: 325) são distintas em padrões de coloração e pele da cabeça das selvagens. Assim, os Warao, como muitos índios da Amazônia, mantêm patos domesticados que, juntamente com os cães de caça, cuidadosamente treinados, eram comercializados por eles.

PALMEIRA E ÁRVORES

Recentes etnógrafos afirmam que as árvores e palmeiras ao redor dos assentamentos Warao são selvagens e que quaisquer plantas cultivadas por estes povos foram introduzidas por missionários, colonizadores ou outros índios. De fato, na época colonial, várias espécies tropicais estrangeiras foram introduzidas nas drenagens do Orinoco e da Amazônia. Entre os cultivos estrangeiros estão o

taro asiático (inhame) (*Colocasia antiquorum*), várias espécies de citros, manga e outras.

No entanto, essa interpretação de que todas as plantas nativas que os Warao usam eram selvagens não é sustentada pelo conhecimento histórico, pré-histórico e sistemática das plantas em questão. Antes de tudo, agora se sabe que a agrossilvicultura, especificamente o cultivo de árvores ou pomares, tem uma longa história nas várzeas tropicais da América do Sul, talvez até mais do que o cultivo de plantas perenes e anuais básicas (Balee 1989, 2013; Roosevelt 2013b, 2016). Assim, muitas árvores que os etnógrafos consideraram selvagens, são realmente consideradas espécies cultivadas por etnobotânicos. Além disso, as primeiras informações etnográficas coletadas da literatura pelo enciclopédico Walter E. Roth e também de suas próprias observações indicam que a maioria das palmeiras e árvores encontradas ao redor dos assentamentos Warao - buriti, papunha, ubuçu, patauá (*Oenocarpus bataua* Mart.), as várias espécies de *Astrocaryum*, castanha-do-Pará (*Bertholletia excelsa* Bonpl.), pequi (*Caryocar spp.*), goiaba (*Psidium guajava* L.), jenipapop (*Genipa americana* L.), taperabá ou cajá (*Spondias mombin* L.), jatobá ou jutaí (*Hymenaea courbaril* L.) foram cultivadas pelos índios (1915, 1924: 215-221). Tais espécies são valorizadas por seus frutos deliciosos e nutritivos e, às vezes, pelos medicamentos de suas folhas, cascas ou raízes. Outras plantas que não são palmeiras e que são comumente cultivadas ou manejadas na área Warao para consumo de seus frutos, preparo de remédios ou utilização da madeira com finalidade construtiva são a Tabebuia, Handroanthus, Ocotea, Nectandra, Chrysophyllum, Chrysobalanus, Astronium, Tabernaemontana, Dialium, Tachigali, Licania e Hymenaea, também aparecem como esteios nos sítios palafíticos da Baixada Maranhense no Brasil (Gonçalves, 2018). A maioria dessas árvores comuns na várzea oriental da América do Sul também foi cultivada no Maranhão (Lorenzi 2002; Schnee 1984). Botânicos mais conservadores que costumavam defender que a diversidade do agrupamento de certas palmeiras e árvores na floresta amazônica era um padrão natural causado pela formação de refúgios florestais durante o Pleistoceno, agora admitem que o cultivo e o manejo humano são a provável causa desse fenômeno (Steege et al. 2013).

As plantas mais importantes nos sistemas alimentares Warao são as palmeiras, das quais as pessoas extraem a fruta, o palmito, a seiva e o amido do caule, além de muitas fibras e madeiras. Em vez de serem simplesmente palmeiras “selvagens”, essas são espécies que os povos das várzeas da América do Sul nas planícies propositalmente cultivam e gerenciam como parte de seus sistemas de paisagismo. Entre as palmeiras há muito utilizadas pelos Warao estão o buriti, o açai, o patauá e o ubuçu (Heinen, 1988a; Heinen e Ruddle 1974; Wilbert 1976, 1980a; Schomburgk 1847-1848: 91). Destaque para esses sistemas de manejo também é a pupunheira, uma palmeira domesticada, cujos índios têm perdido a habilidade de plantar as sementes (veja a discussão abaixo). Muitas outras palmeiras e árvores da América do Sul também são cultivadas, como mencionado acima.

A palmeira mais utilizada na economia Warao é o moriche (Venezuela), ite

(Guiana) ou buriti (Brasil) (Henderson 1995: 70-74; Rabelo 2012: 319-331; Rabelo e Franca 2015; Yuyama et al 2013: 34-36). Gumilla, observando as aldeias Warao em meados do século XVIII, a caracterizou como “a árvore da vida Warao” (1791: 141-145). A palmeira do pântano parece ter sido a principal fonte tradicional de carboidratos nos períodos de inundação, na forma de amido extraído, seiva e frutas maduras. As diferentes partes da planta são procuradas em duas épocas do ano: a seiva durante a estação chuvosa, o amido do caule durante a estação seca e os frutos na transição entre as duas estações. Para obter o amido do caule, os Warao se mudam para lagos ou pântanos onde as árvores se aglomeram densamente, cortam as mais velhas e retiram o cacho de frutos. Os frutos são recolhidos por mulheres em peneiras de cestaria, embebidas e amassadas com água, sendo, depois, o líquido espremido em cestos tubulares (tipiti) para dentro de recipientes cerâmicos. O amido que se retira do líquido é colocado para secar e virar farinha para o preparo de bolos. Essa técnica é muito semelhante à maneira como a mandioca amarga é processada em algumas partes do Orinoco (Roth 1924), e talvez a técnica de processamento da mandioca tenha surgido como uma ramificação da técnica do preparo do buriti.

Esta palmeira é amplamente distribuída ao longo de corpos d’água nas várzeas da América do Sul, especialmente nos sistemas fluviais e estuarinos da Amazônia (Henderson 1995: 72-74), assim como na Baixada Maranhense. Sua adaptação ecológica peculiar é como uma palmeira do pântano, como o açaí, que forma densas concentrações onde as pessoas as explora. Até os etnógrafos mais radicais que consideraram os Warao como caçadores-coletores perceberam que eles pareciam levar para as aldeias os frutos de palmeiras de locais dominados por manguezais, onde sua proliferação costuma impedir o avanço da água salobra e onde estão as maiores reservas de água doce. Wilbert (1970: 23) chama este seu uso de “arboricultura” e Heinen observa “*Man-made morichales are also occasionally found along the levees of these islands, where they indicate the former presence of Warao village sites*” (Heinen e Ruddle 1974: 124). Um padrão semelhante de manejo intencional foi registrado entre os agricultores brasileiros nos estuários da foz do Amazonas e do estado do Amapá e nessa área é uma conhecida forma de cultivo. Os agricultores brasileiros atualmente manejam o buriti intensivamente construindo plataformas de terra para incentivar as palmeiras a proliferar em detrimento dos manguezais costeiros (Padoch e Pinedo-Vasquez 1999; Raffles 2002).

Outra palmeira muito utilizada na economia Warao é o famoso açaí (Brasil), manacá (Venezuela) ou açaí (Guiana), (*Euterpe oleracea*, Mart.), uma palmeira de água muito usada para alimentos na forma de frutas e palmito, bem como madeira e fibra para diversos artesanatos (Yuyama et a. 2013; Rabelo 2012: 296-307). Esta palmeira é amplamente plantada e cultivada na várzea da América do Sul e é considerada domesticada nos estuários do leste da América do Sul, como o ocupado pelos Warao. Sua distribuição segue as costas e estuários do leste e nordeste da América do Sul (Henderson 1995: 105-111, Figura 6.15 C), há mais de 1000 anos, desde a Amazônia colombiana até o delta da foz amazônica, chegan-

do até ao Maranhão no Brasil (Morcote-Rios e Bernal 2001: 322, Tabela 1; Roosevelt 1991). O açaí cultivado é uma base alimentar dos estuários do nordeste da América do Sul, atingindo quase 50% do consumo por populações agricultoras brasileiras na foz amazônica (Murrieta et al. Siqueira 1999). Também é uma importante fonte de renda local e internacional, propositadamente plantada por 100% das famílias em comunidades estuarinas na foz da Amazônia no estado do Amapá (Brondizao et al. 2002; DuVal 2010; Padoch e Pinedo-Vasquez 1999 ; Raffles 2002). Lá, os cultivadores selecionam e trocam cuidadosamente as sementes para alcançar as qualidades desejadas, como textura, sabor e cor. Além de plantar sementes em hortas, campos especializados e áreas externas, as pessoas constroem terra-planagens para obter as condições de solo desejadas para os plantios. A adaptação ecológica do açaí é de solos de maré e solos inundados (Henderson 1995: 105-112), como os da terra natal dos Warao. Seus peculiares bosques monotípicos nos estuários ao longo da costa nordeste da América do Sul estão fortemente associados aos assentamentos humanos; eles não são considerados “concentrações ou refúgios selvagens” (Anderson 1988), ao contrário do que pontuaram os etnógrafos dos Warao. Nada na literatura etnográfica fornece evidências de que os Warao usaram essa palmeira de maneira diferente dos outros nativos americanos nas terras baixas. Portanto, não é correto dizer que eles estão “forrageando” o açaí. Em vez disso, eles estão cultivando e manejando intensivamente esta palmeira.

Outra palmeira há muito observada nos assentamentos Warao são os patauá ou *seje*. Esse é outro gênero de palmeira cujas espécies são consideradas disseminadas pelo homem (Rabelo 2012: 340-347; Yuyama 2013: 29-30). Pensa-se que o patauá em particular tenha se espalhado de seu centro de diversidade no noroeste da América do Sul, primeiro para o leste da América do Sul e depois para as Guianas (Morcote-Rios e Bernal 2001: 340-341; Politis 1996). É registrado em sítios arqueológicos há 9000 anos na Amazônia colombiana. Seus frutos são especialmente valorizados por suas propriedades gordurosas e relativamente ricas em proteínas, frequentemente usados para fazer bebidas. Além deles, valorizam-se, também, os seus frutos e o amido do caule, semelhante ao buriti (Wilbert 1976). Outra palmeira comum em alguns assentamentos Warao é o tucumã (*Astrocaryum aculeatum* G. Mey.), cujos frutos são particularmente ricos em proteínas, c. 5,5% (Rabelo 2012: 361-378; Yuyama et al. 2013: 68-69).

Algumas palmeiras domesticadas pelos Warao são bem conhecidas, como a pupunha (Brasil), peach palm (inglês), pejobaye (Costa Rica e República Dominicana), chonta, chontaduro (Equador), chontaduro (Colômbia), pijiguao (Venezuela), pifa (Panamá) (Henderson 1995: 190-191; Rabelo 2012: 360-348; Yuyama et al 2013: 56-59). As espécies dessa palmeira são cultivadas e selecionadas por povos indígenas da América do Sul há tanto tempo que alguns agricultores perderam a habilidade de plantar as sementes. Foi domesticada independentemente em vários lugares (Mora Urpi 1999: 17-24). Rica em carboidratos complexos, gorduras e carotenoides, também possui proteínas apreciáveis em 3,5%. Indivíduos ou grupos podem ser encontrados em alguns assentamentos abandonados dos Warao,

mas não podem ser consideradas selvagens. “*It is cultivated in Amazonia for its fruit and is never found in natural populations*” (Kahn 1988:43). E “*Not known as a wild plant but very widely cultivated throughout humid tropical areas of Central and South America. It appears to be a selected form of *Bactris macana**” (Henderson e Bernal 1995: 188). O ancestral selvagem da pupunha é uma espécie diferente, *Bactris macana*, nativa de terras não inundadas. A ocorrência natural e precoce das espécies domésticas em locais pré-históricos ocorre nas terras altas do noroeste da Venezuela e Colômbia (Morcote-Rios e Bernal 2001: 339-340), sugerindo que seus cultivos domesticados estariam disponíveis para os ancestrais dos Warao desde sempre. Assim, com relação a todas estas plantas, os Warao as estão domesticando, não coletando uma planta selvagem nativa do delta.

Os Warao também usam há muito tempo como recipientes os frutos da cabaça (*Crescentia cujete L.*), uma espécie amplamente cultivada nos neotrópicos. Os primeiros exploradores da terra natal dos Warao descreveram ver uma pequena árvore nos seus jardins (por exemplo, Schomburgk 1876: 1-14). Provavelmente nativa do norte da América Central e do México, o que os antropólogos chamam de árvores de “crescimento selvagem”, as cabaças parecem ser descendentes de árvores cultivadas. Os Warao, portanto, não estão coletando cabaças selvagens, mas cultivando esse antigo cultígeno. Além de usá-la como recipientes, eles a usam, também, para tratamentos medicinais e como “chocalhos espirituais” dos xamãs, e seus mitos aludem sua existência na criação do mundo (Wilbert 1993: 133-143).

CAMPOS CULTIVÁVEIS

Como mencionado acima, os etnógrafos Wilbert (1980a: 4-5) e Suarez (1968) afirmaram que a agricultura de subsistência e a agricultura intensiva só foram introduzidas entre os Warao após 1925, com a penetração de missionários no interior da Venezuela, mas muitas sociedades agrícolas tradicionais da bacia do Orinoco foram descritas sob o cultivo ativo por mulheres Warao pelo menos 100 anos antes (Creveaux 1883: 611; Hilhouse 1834: 328; Plassard 1868; Schomburgk 1847-1848: 88-91; 1876: 1-14).

Entre as plantações dos “*flourishing provision fields*” dos Warao (Schomburgk 1847: 88), de acordo com relatos históricos coletados por mais de 300 anos (Gumilla 1791; Hilhouse 1825; 1834; Plassard 1868; Roth 1915; Schomburgk 1876: 1-22; 1922: 88-91), estavam o milho, a mandioca, a batata doce, o inhame, o abacaxi, a pimenta, o urucum (*Bixa orellana*) e muitos outros produtos domésticos, todos considerados pelos etnobotânicos como nativos da América do Sul ou Central (Clement et al. 2010; Piperno e Pearsall 1998; Roosevelt 2016). A quantidade de campos cultiváveis varia entre os Warao, que vivem em diferentes áreas, mas todos aqueles que passaram algum tempo em seus assentamentos mencionaram o cultivo. Embora os etnógrafos sugiram que os Warao tenham adotado o cultivo

apenas devido à influência recente de outras sociedades indígenas, missionários ou *criollos* no século XX, todas essas plantas eram cultivadas regularmente nos assentamentos Warao antes das missões ou das indústrias ocidentais se estabelecerem em seu território. Milho e mandioca são cultivos muito antigos em toda a drenagem do Orinoco (Oliver 2008, 2014; Piperno e Pearsall 1998; Roosevelt 1980, 1997, 2014, 2016). Não há razão a priori para supor que eles não tenham sido utilizados pelos Warao uma vez que eram cultivados desde em todo o vale do rio Orinoco. As pimentas não são consideradas plantas silvestres que ocorrem localmente (Clement et al. 2010); portanto, sua presença comum nos jardins Warao desde o início do século XIX significa que também deve ter sido cultivada.

Entre os frutos anuais, o abacaxi é descrito por alguns etnógrafos como uma planta selvagem “coletada” pelos Warao (Heinen et al 1995: 323; Wilbert 1972: 80). No entanto, o abacaxi selvagem não é nativo do habitat pantanoso da várzea Warao, mas da floresta tropical das terras altas das Guianas, onde se acredita que, com base em evidências genéticas, as variedades de abacaxi com frutos grandes foram domesticadas (Clement et al., 2010: 85-87). O abacaxi se sai melhor em climas quentes e úmidos de solos de terra firme bem drenados e um pouco ácido, e fica mais vigoroso e frutífero quando cultivado à sombra (Morton 1987: 18-28). A reprodução vegetativa da planta é multifacetada; novas plantas podem crescer a partir das raízes, das copas, folhas, núcleos, ou das partes descartadas durante a colheita, e assim uma única planta pode gerar muitas novas plantas. As sementes são difíceis de germinar e as mudas demoram mais para dar frutos do que os clones. Muitos grupos indígenas do nordeste da Venezuela cultivam o abacaxi, e os melhores cultivos comerciais se originaram no nordeste da Venezuela. Pensa-se que o abacaxi domesticado se espalhou pelas várzeas do Orinoco bem antes da conquista dos europeus. Embora o abacaxi domesticado possa naturalizar-se, ele tende a se agrupar em assentamentos abandonados onde foi cultivado. Os naturalistas que visitaram os Warao há quase 300 anos observaram esse padrão (Schomburgk 1847-1848: 88). Portanto, se os Warao estão colhendo abacaxi em sua terra natal de longa data, estão utilizando um produto doméstico que seu povo deve ter plantado no passado.

Assim, os Warao realmente não são “reliquias” de caçadores-coletores do Arcaico ou “Meso-indígenas”. Como a maioria dos horticultores de florestas tropicais das várzeas da América do Sul, eles pescam intensamente, cultivam muitas plantas nativas, palmeiras e árvores e domesticam patos-do-mato e cães. Eles fizeram tudo isso por pelo menos 300 anos.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E LIDERANÇA INDÍGENA

Em 1996, quando Walter Raleigh visitou os Warao, eles foram divididos cultural e politicamente em duas áreas lideradas por chefes supremos em guerra: Pallamos em direção ao leste e Hororotomaka ao norte (1997: 158). Tais padrões

de liderança e conflito não são, no entanto, descritos em relatos mais recentes. Apesar da descrição de conflito por Raleigh, os Warao são, geralmente, tímidos e se retiram às ameaças externas para o centro aquático de seu habitat. Na sociedade Warao, a discórdia é tratada em reuniões nas quais todos expressam suas ideias e o objetivo é alcançar a satisfação de todos. Os Warao também têm os tradicionais duelos individuais que são pensados para servir como liberadores de tensão. São concursos de luta livre, nos quais pares de lutadores se enfrentam usando escudos de fibra decorados (Im Thurn 1883: 326-327; Schomburgk 1847-1848: 150; Wilbert 1972: 99). O objetivo é forçar o oponente a ceder terreno, o que equivale a vencer a luta.

Tanto os Warao quanto seus etnógrafos do século XX descreveram certos títulos e funções hierárquicos de liderança que foram impostos no curso das missões e nacionalização da Venezuela (por exemplo, Brett 1881: 109; Heinen ed. 1988; Schomburgk 1847-1848: 369-370). No entanto, os Warao possuem alguns termos tradicionais para papéis e responsabilidades de liderança, portanto parece que eles existiam antes das intervenções ocidentais. Os termos de liderança Warao incluem palavras como proprietário, mestre/senhora, guardião e, às vezes, têm implicações espirituais, além de parentesco e econômicas (Heinen ed. 1988; Heinen e Gasson 2008; Wilbert 1993). Termos como “dono da casa” são políticos, mas termos relacionados à cura espiritual ou xamanismo aparecem tanto em cerimônias de cura quanto em festivais religiosos de caráter econômico, como a colheita de extração de amido de buriti. Alguns termos de liderança são ritualísticos, com a função de proteger objetos, lugares rituais ou realizar rituais. Entre estes, às vezes há uma hierarquia indicada. Assim, os xamãs que realizam certos rituais anuais têm seus assistentes. E a “dona da casa” tem assistentes entre suas filhas e sobrinhas, com uma hierarquia definida a partir da senioridade (Suarez, 1968).

As aldeias tradicionais de palafita Warao abrigam uma ou mais famílias extensas, cada uma ocupando uma grande casa retangular multifamiliar. Como as famílias extensas em algumas outras sociedades indígenas ao longo de grandes rios, como os Shipibo da várzea de inundação do Ucayali, no Alto Amazonas (Gebhart-Sayer 1984), os Warao calculam a descendência matrilinearmente e têm um padrão de residência matrilocal; assim, as pessoas traçam seus relacionamentos familiares através da linha feminina e os maridos entram na comunidade de fora para se casar (Heinen 1972; Heinen ed. 1988: 26-29). Em meados do século XIX, os Warao “*group themselves according to the rivers in the Orinoco basin form which they believe they originally came*” (nota de Roth em Schomburgk 1847-1848: 367), embora hoje em dia não haja mais reconhecimento dessas linhagens fundadoras (Suarez 1968: 110-126). No entanto, “*The matrilocal tendency of residence and polygynous unions ... strenghtens the importance of the wife-mother in the nuclear family*” (Suarez 1968: 144). Os Warao expressam uma preferência “invariável” por crianças do sexo feminino (Heinen ed. 1988: 52-56; Suarez 1968: 128, 1971: 89, 93), embora Wilbert afirme que o Warao “sempre” querem que o primogênito seja um homem (1972: 103). As mulheres mostram solidariedade e cooperação. “Be-

cause of the existing residence rule, married men, as strangers in the society, face a closely-related group of females who condition public opinion and exert considerable pressure. Marriage partners display a high degree of true companionship" (Wilbert e Layrisse 1966: 173). No entanto, o relacionamento, que para os homens envolve obrigações ao longo da vida com as esposas e com as famílias das esposas, pode gerar hostilidade e até violência por parte das mulheres (Suarez 1968: 125). Missionários e colonizadores espanhóis ficaram desconfortáveis com a organização "feminista das mulheres" e tentaram convencer os Warao a se organizarem de forma patriarcal (Heinen 1988, ed.: 43-50). Além disso, as entidades estatais dotaram os homens apenas de cargos políticos, e os etnógrafos masculinos tendem a supor que os chefes de família da comunidade são o homem mais velho, e não a mulher (Olsen, 1996; Suarez, 1968; Wilbert, 1993: 254, 256).

Além dos padrões de residência e organização familiar, os etnógrafos geralmente têm pouco a dizer sobre os papéis de gênero, embora seus discursos impliquem na predominância e liderança política e ritual masculina e deixem de fora a liderança política e ritual feminina no lar e na comunidade. Mas os Warao caracterizam os padrões de gênero de maneira diferente dos etnógrafos. Eles descrevem a igualdade de gênero na vida familiar diária e a predominância feminina na família extensa e na sociedade em geral. Por exemplo, em suas declarações orais sobre a família, os Warao expressam práticas igualitárias de gênero na criação dos filhos, em que ambos os pais assumem a responsabilidade. Eles também caracterizam a mulher mais velha da família extensa como a "Dona da Casa" e ela dirige a maioria de suas atividades, incluindo a dos genros (Heinen ed. 1988: 123), em contraste com os etnógrafos que caracterizam estas "casas" como pertencentes ou chefiadas pelo homem mais velho. Por exemplo, um homem Warao caracteriza sua esposa como "minha esposa, dona da casa" (Heinen ed. 2009: 59). Outro caracteriza sua casa como "a casa da sogra" (Heinen ed. 2009: 104). Da mesma forma, os Warao descrevem a dona da casa como a organizadora do trabalho dos genros que consiste na extração do palmito de buriti para a produção do amido (em Heinen 1988 ed.: 32-33, 104-106, 108-109), ao contrário dos etnógrafos, que retratam os genros como mandados por seus sogros, que são casados com elas (Wilbert 1972).

No sistema Warao, os líderes respeitados que supervisionam um número maior de pessoas na produção de alimentos, artesanato e ritual, são privilegiados. *"Although the Spanish missionaries introduced the positions of political office, true authority among the Warao is vested in the society's three religious practitioners: the medicine man, the shaman, and the priest"* (Wilbert e Layrisse 1966: 172). Apesar do uso do gênero masculino em tais declarações, os mesmos etnógrafos reconhecem que homens ou mulheres podem desempenhar papéis de xamã, curador ou sacerdote. Eles reconhecem: *"Women quite frequently achieve a rather high status, and at some time in the past female priest-shaman seem to have been influential persons"* (Wilbert 1970:24), *"while sub-tribes seem to have been governed by female leaders"* (Wilbert e Layrisse 1966: 172).

RELIGIÃO

A religião Warao parece ser uma combinação de animismo com o culto aos antepassados. No animismo, todas as coisas têm espíritos e, no culto aos ancestrais, os mortos se tornam espíritos que devem ser a função de limitar a má sorte, a doença e a morte. Os ancestrais espirituais são chamados Hebu e os mais importantes entre eles são adorados e propiciados como Kanobos ancestrais. Uma hierarquia mítica complexa de poderosos deuses e deusas ancestrais é representada como criadora dos seres humanos, da terra e do cosmos. A propiciação de divindades e espíritos pelos Warao, através da sua “alimentação” com fumaça de tabaco e ofertas de amido de buriti, é necessária para evitar os seres sobrenaturais vingativos que infligem azar, doença ou morte prematura aos seres humanos.

Os Warao caracterizam seu habitat como uma floresta governada por um ancestral chamado Dauarani, a “Mãe da Floresta”. Associado a um alter ego de uma cobra d’água - a anaconda, o maior predador das planícies tropicais -, esse personagem mítico é visto como uma deusa antiga da criação. Os etnógrafos a caracterizam como “o Deus da floresta”, que assume a forma de uma serpente gigante como “Mulher-Serpente-da-Canoa-de-Cedro Vermelho” (Wilbert 1972: 93, 1980a, 1993: 11, 15, 23, 50, 53, 64 -67, 74, 76, 82, 90, 94, 99, 117, 170-171). Parece ser que os maiores animais de caça que sofrem o tabu Warao são o povo da floresta de Daurani, protegido pela anaconda ancestral (Wilbert 1972: 89).

Essa divindade Warao se assemelha muito às divindades serpentiformes femininas nas histórias de criação de vários grupos da Amazônia (por exemplo, Gebhart-Sayer 1984; Hugh-Jones 1979; Roosevelt 2013a; Roth 1915). Essa divindade é amplamente reverenciada sob os nomes “Mulher Xamã” ou “a Grande Anaconda” nas histórias orais das sociedades indígenas recentes da Amazônia oriental, Orinoco e Guianas (por exemplo, Brett c. 1880: 180-187; Gebhart -Sayer 1984; Hugh-Jones 1979; Roth 1915). Uma mulher xamã disfarçada de anaconda também é claramente retratada na arte antiga e moderna da famosa cultura construtora de *mounds* e de cerâmica da Tradição Polícroma da Amazônia que se originou da ilha de Marajó, no delta do Amazonas, e subiu o rio até o alto Amazonas e a costa das Guianas a partir de 1000 anos atrás (Brochado 1980; Roosevelt 1991, 2013a).

Os Warao acreditam que Daurani foi a primeira xamã que viajou de barco e entoou canções especiais. “*She chanted like a priest-shaman whose function is to placate the gods and, in doing so, to guarantee health, fertility, and longevity to the people of the community*” (Wilbert 1993: 270). As multicamadas do cosmos foi criado por Dauarani. Conforme descrito por dois informantes do sexo masculino aos etnógrafos Wilbert e Heinen, o cosmos é um lugar criado no momento da origem através das interações de seres sobrenaturais como Dauarani. Estes seres são nomeados de acordo com suas características cardinal-direcionais, astronômicas, animais e humanas⁵. A descrição etnográfica mais detalhada afirma: “*It is signifi-*

⁵ Não se sabe se a maioria dos xamãs Warao tem essa visão complexa do cosmos, pois as referências feitas a eles durante as cerimônias são muito mais limitadas ao caráter sobrenatural das divindades e dos níveis e estruturas dentro do espaço sobrenatural.

cant that the northern solstice points of Warao cosmogony are said to be inhabited by supernatural guarantors of sustenance and fertility. The Mother of Sago (Aruarani) is at the midsummer point of sunrise in the northeast. The northern solstice is identified with the sacred trumpet, whose ... master spirits reside with the God of Dance. Also located in the same place are the Grandmothers (Natue), patronesses of the moriche palm fiber.... Opposite the supernatural fertility beings of the northern solstices, the Mother of the Forest (Dauarani) resides at the summer solstice of the midwinter sun. Just as the Grandmothers of the northern solstice are patronesses of female artisans (hammock makers) and of women in general, the Mother of the Forest of the southern solstice is the patroness of male artisans (boat makers) and of men in general" (Wilbert 1993: 268).

Uma das cerimônias artesanais mais importantes envolve a confecção da canoa, para a qual as instruções são dadas tanto pela mulher mais velha da aldeia, como as filhas até os genros (Wilbert 1993: 25-86). As canoas eram necessárias para se deslocar no delta e há muito são um item comercial importante para quem está nele ou fora dele (Plassard 1868: 586). A fabricação da canoa é considerada uma das habilidades mais importantes e é adquirida através da prática com um professor especialista e com o auxílio da deusa. *"An expert canoe maker is one who has learned to perfect his skill in dreams with a Serpent Spirit, who is reputed to have served the Warao culture hero Haburi as a boat when he made his escape from danger. The honor of having been chosen by this Serpent Spirit extends beyond this present life, for such a man will go forth after death to continue his existence in her presence" (Wilbert 1972: 74-75). A alma do fabricante de canoas "goes to a place next to the Mother of Moriche, where the spirit of the sacred trumpet lives. This spirit is the Mother of the Sacred Trumpets ..."* (Wilbert 1993: 101).

Os sacerdotes entre os Warao são as mulheres e homens mais velhos que realizam os festivais periódicos para garantir saúde e prosperidade na comunidade, além de curar os doentes. Os instrumentos e apetrechos utilizados nos rituais têm uma iconografia complexa e colorida ligada à cosmologia Warao (Wilbert 1993), mas pouco foi estudada e ilustrada. Os xamãs encontram e cumprimentam visitantes sentados em bancos com cabeça de animal (Plassard 1868: 581). Numerosos relatos Warao mostram que homens e mulheres podem servir como xamãs na organização e na liderança de cerimônias e na cura (Barral 1979: 358; Heinen ed. 1988, 2009: 82; Heinen e Gasson 2008; Wilbert 1993: 167, 220-221), mas os etnógrafos masculinos que predominaram nos estudos dos Warao apenas entrevistaram e observaram os homens.

As cerimônias públicas que se estendem ao mundo sobrenatural abordam várias deidades e espíritos que residiam no cosmos Warao. Os primeiros visitantes dos assentamentos exclamavam que os Warao realizavam constantemente danças cerimoniais acompanhadas de canto e toque de instrumentos (Gumilla 1791; Schomburgk 1847-1848: 151). As cerimônias eram conduzidas sob a direção e liderança do xamã e aconteciam nas plataformas de dança da comunidade,

em frente às estruturas rituais, no chão perto dos assentamentos ou na floresta.

Duas modestas estruturas rituais ladeavam cada extremidade do assentamento Warao: o santuário do festival do buriti, a leste, e a casa de reclusão para mulheres a oeste (Wilbert 1972: 78-80, 95-96; Wilbert 1993). O santuário leste é uma estrutura que tem uma pequena cabana elevada sobre uma plataforma que protege a caixa de amido de buriti para o festival anual da colheita. As pedras ancestrais que representam os Kanobos e a parafernália ritual dos xamãs são mantidas no palco acima da caixa, que é acessada por uma escada entalhada. Um xamã especialista serve como guardião dessa estrutura. A casa de reclusão para mulheres a oeste do assentamento tem cerca de 4 por 5 metros de tamanho e possui uma lareira ritual. Cerimônias envolvendo apenas as mulheres aconteciam dentro desta casa, que Creveaux chamou de “sua casa sagrada”, para onde vão durante a menstruação, quando são libertadas de algumas tarefas como cozinhar para todos. O rito de iniciação da puberdade feminina, no qual seus cabelos são cortados e enterrados, ocorre na cabana de reclusão, também usada para nascimentos (Barral: 1979: 652; Creveaux 1883; Wilbert 1972). A transição da puberdade dos homens não é ritualizada assim, embora meninos e meninas devam se submeter ao ritual de mordida das formigas.

Para as cerimônias de dança, um mestre da música organiza e ensaia orquestras de jovens. Os instrumentos musicais incluem clarinetes (às vezes chamados de trompetes sagrados ou oboés pelos etnógrafos), flautas de madeira e ossos de veado, assobios de conchas ou garras de caranguejo, trompetes de concha, chocalhos de cabaça de frutos secos, e, em tempos mais recentes, bateria e violinos (Olsen 1996; Wilbert 1956b). Schomburgk ficou maravilhado com a alta qualidade da música que ouviu no festival de amido de buriti (Schomburgk 1847: 117-118): “*Although ... each instrument only possesses single note, the musical conductor nevertheless knows the notes of the collective instruments so exactly, and gives his directions so explicitly, that really a basis of harmony rules ...*” Plassard (1868: 581-586), ao contrário, achou a música lenta, monótona e triste.

Certos rituais públicos anuais importantes ocasionaram uma extensa preparação de alimentos e parafernália ritual. A cerimônia sazonal mais importante da religião Warao parece ser o festival anual de colheita de amido de buriti, cujas divindades a Deusa do Buriti e a Deusa das Trombetas Sagradas são adoradas dançando, cantando, comendo e bebendo. O ritual é concebido como uma oferenda de propiciação ao Kanobo ancestral. Durante o festival de amido de buriti, os jovens dirigidos pelo mestre da música tocam as “trombetas sagradas”, cujo espírito patrono é a deusa Dauarani. O amido de buriti processado e seco é armazenado no santuário Kanobo e usado para fazer grandes bolos para rituais como a cerimônia de puberdade de meninas.

Quando um adulto morre, ocorre o abandono de casas ou até de assentamentos inteiros. O complexo funerário Warao geralmente inclui vários estágios de enterro secundário (Barral, 1981: 187-201; Suarez 1968: 199-204; Creveaux 1883; Schomburgk 1847-1848). Cerimônias de luto inicial envolvendo lamentações,

canto e fumo de tabaco foram observadas por Creveaux e seus companheiros durante suas campanhas a uma aldeia Warao (1883: 612-614 e Schomburgk 1848: 356). Os mortos eram geralmente carregados, vedados e enterrados em suas redes. Suarez observou o enterro de vários bebês. O grupo de Creveaux viu uma senhora idosa enterrada em uma cova rasa escavada por 4 jovens parentes. Eles também viram um jovem garoto sepultado em uma árvore oca, selada com argila. Em uma cabana abandonada, eles viram um grupo de caixões embrulhados em folhas de palmeira, elevados em postes em forma de Y. Os exploradores ficaram maravilhados com o fato de uma anciã, claramente em avançada senilidade, ter sido alimentada e cuidada por tanto tempo por sua filha. Sua admiração, no entanto, não os impediu de roubar secretamente quais caixões podiam obter espécimes antropológicas para museus.

Como vários outros grandes grupos da Amazônia, os Warao acreditam que as estrelas e os planetas são as almas de seus ancestrais, tanto os recentes quanto os antigos (Davis 2014). Tomasa Rivas, uma instruída mulher Warao disse: *"So, the stars are the souls of persons who existed before. Thus, the Indians believe. The large stars are the souls of those who died when adults. The small stars are the souls of children. The brilliant stars are the souls of the best Indians, those who had a name"* (Barral 1969: 123).

CONCLUSÕES

Para o estudo das antigas aldeias de palafitas do Maranhão, o povo Warao oferece um valioso modelo etnográfico, pois parece estar entre os últimos membros sobreviventes dessa tradição de assentamento no habitat de tipo delta. Sua dependência de pesca intensiva, cultivo de palmeiras, árvores e raízes parece ser um modo de subsistência ancestral nas terras baixas tropicais da América do Sul. Sua vibrante cultura ritual de dançar e cantar em homenagem à ancestral *"Mãe da Floresta"* e a outras divindades prístinas envolve a extração sazonal de seiva e amido de palmeira e sustenta sua arte principal, a construção de canoas.

Comparações do modo de vida Warao com as culturas arqueologicamente recuperadas no Maranhão ofereceriam uma inspiração e testes de interpretações dos estilos de vida e práticas religiosas das antigas culturas de palafitas. Já existem possíveis semelhanças: a maioria das sementes botânicas dos sítios do Maranhão são de palmeiras; a maioria das figuras humanas na arte é feminina e a maioria das outras imagens são animais ou pássaros que vivem dentro ou ao redor da água.

Por outro lado, a nova sequência arqueológica nos estuários do Maranhão e em outras regiões da Amazônia indica um passado mais complexo para os Warao. Muito da sua "história" é um pouco mais que a suposição de etnólogos que afirmaram que a sua cultura tradicional permaneceu inalterada por milhares de anos da pré-história até aos dias atuais (Wilbert 1972) e de arqueólogos que atri-

buem a evolução Warao a processos de migração e mudança ambiental (Sanoja e Vargas 1995: 359-382). Algumas das suposições sobre seu passado já foram refutadas. Portanto, a investigação da pré-história e história dos Warao através da exploração arqueológica intencional no delta do Orinoco, em colaboração com as comunidades Warao atuais, deve ser uma prioridade para o futuro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Alves-Silva, Juliana, Magda da Silva Santos, Pedro E. M. Guimares, Alessandro C. S. Ferreira, Hans-Jurgen Bandelt, Sergio D. A. Pena, and Vania-Ferreira Prado

2000 The ancestry of Brazilian mtDNA lineages. *American Journal of Human Genetics* 67 444-461.

Anderson, Anthony

1988 Use and management of native forests dominated by Acai palm (*Euterpe oleracea* Mart.). *Advances in Economic Botany* 6: 144-154.

Balee, William

1989 The culture of Amazonian forests. *Advances in Economic Botany* 7: 1-21.

2013 *Cultural Forests of the Amazon: A Historical Ecology of People and their Landscapes*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.

Bancroft, Edward.

1769 *An Essay on the Natural History of Guiana in South America: Containing a History of the Many Curious Productions in the Animal and Vegetable Systems of that Country: Together with an Account of the Religion, Manners, and Customs of Several Tribes of its Indian Inhabitants, Interspersed with a Variety of Literary and Medical Observations*. London: T. Becket and P. A. De Hondt.

Baronne Visigali, Egle and Anna C. Roosevelt, editors

2010 *Amaz'homme: Sciences de l'Homme Sciences de la Nature en Amazonie*. Ibis Rouge. Cayenne, FG. Pp. 417-429.

Barral, Basilio de

1957a *Diccionario Guaraio-Español, Español-Guaraio*. Instituto Caribe de Antropología y Sociología, Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, Monografía 3. Caracas: Ediciones Sucre.

1957b Canciones de Cuna de los Warrau (Guaraio, Guarauno). *Antropologica* 2: 31-38.

1958 Vocabulário teurgico-magico de los Indios Guaraos. *Antropologica* 4: 27-36.

1960? *Guaraio Guarata, lo que cuentan los indios guaraos: reflejos del alma guarau-na visto a través de sus leyendas, cuentos, mitos y tradiciones*. Prologo por Walter Dupouy. Caracas: Published by the author.

1964 *Los Indios Guaraunos y Su Cancionero: Historia, Religion, y Alma Lirica*. Biblioteca "Missionalia Hispanica" Vol. 15. Madrid: Concejo Superior de Investigaciones Cientificas, Departamento de Missionologia Espanola.

1969 *Guaraio A-Ribu: Literatura de los Indios Guaraos*. Caracas: Universidad Catolica Andres Bello, Facultad de Humanidades.

1979 *Diccionario Warao-Castallano, Castellano-Warao*. Caracas: Lithografia Melvin.

1981 *La Música Teurgico-Mágica de los Indios Guaraos*. Coleccion de Lenguas Indígenas. Caracas: Universidad Catolica Andres Bello, Instituto de Investigaciones

Históricas, Centro de Lenguas Indígenas.

Beebe, W., G. I. Hartley, and P. G. Howes

1917 *Tropical Wildlife in British Guiana*. New York: New York Zoological Society.

Bortolini, Maria-Catira, et al.

Y-chromosome evidence for differing ancient demographic histories in the Americas. 2003 *American Journal of Human Genetics* 73, p. 524-539.

Brett, William Henry

1852 *The Indian Tribes of Guiana*. New York: Robert Carter and Brothers.

c. 1880 *Legends and Myths of the Aboriginal Indian of British Guiana*. London: William Wells Gardner.

1881 *Mission Work Among the Indian Tribes in the Forests of Guiana*. Published under the direction of the Tract Committee. London: Society for Promoting Christian Knowledge.

Brochado, Jose Joaquim Justiano Proenza

1980 *The Social Ecology of the Marajoara Culture*. Unpublished MA thesis, Department of Anthropology, University of Illinois, Urbana.

1984 *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. Ph.D. dissertation. Urbana-Champaign: University of Illinois.

Brondizao, E.S., C.A.M. Safar, A.D. Siqueira,

2002 The urban market of Acai fruit (*Euterpe oleracea* Mart.) *Urban Ecosystems* 6(1-2): 67-97.

Campbell, L.

1997 *American Indian Languages: The Historical Linguistics of Native America*. New York: Oxford University Press.

2002 What drives linguistic diversification and language spread? In *Examining the Farming/Language Dispersal Hypothesis*, edited by P. Bellwood and C. Renfrew. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research; Oxbow Books, distributor. Pp. 49-64.

Clement, C. R., M. de Cristo-Araujo, A. Alves Pereira, G. Coppens d'Eeckenbrugge, and D. Pican co-Rodrigues.

2010 Origin and domestication of Native Amazonian crops. *Diversity* 2: 72-106.

Creveaux, Jules

1883 *Voyages dans l'Amerique du Sud*. Paris: Hachette.

Cruxent, J. M. and I. Rouse

1958-1959. *An Archaeological Chronology of Venezuela*. 2 vols. Social Science Monograph VI. Washington, D.C.: Pan American Union.

Cruxent, Jose M.; Rouse, Irving.; Olsen, Fred; ROOSEVELT, Anna C. Ronquin revisited. *Proceedings of the 6th International Congress for the Study of Pre-Columbian*

Cultures of the Lesser Antilles, Guadeloupe, 1975. Gainesville: University of Florida, 1976, p. 117-122.

Davis, C. S.

2014 *Archaeoastronomy of Terminal Pleistocene Rock Art on the Amazon River at Monte Alegre, Para, Brazil*. Ph.D. Dissertation, Department of Anthropology, University of Illinois at Chicago.

Donkin, R.A.

1988 *The Muscovy Duck: Cairina moschata domestica: Origins, Dispersal, and Associated Aspects of Geography of Domestication*. London: Routledge.

DuVal, A.

2010 Açai Branco: Maintaining agrobiodiversity through a local seed system in the Amazon estuary. *Tropical Resources* 29: 16-21.

Evans, Clifford and Betty J. Meggers

1960 *Archaeological Investigations in British Guiana*. Bureau of American Ethnology 167. Washington, DC: Smithsonian Institution.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO. FAO Statistical Yearbook 2013: World and Agriculture. ROME: FAO, 2013.

Gebhart-Sayer, Angelica

1984 *The Cosmos Encoiled: Indian Art of the Peruvian Amazon*. New York: Center for Inter-American Relations and Americas Society.

Gendzekhadze, K., F. Herrera, S. Montagnani, O. Balbas, K. Witter, E. Albert, Z. Layrisse

2004 HLA-DP polymorphisms in Venezuelan Amerindians. *Human Immunology* 65: 1483-1488.

Goncalves, Thaís Alves

2018 *Relatório técnico final: As árvores do povo das águas: Identificação das madeiras utilizadas em artefatos nas estearias da porção centro-norte da Baixada Maranhense*. Relatório de Pós-Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS-UFMA). São Luís.

Granberry, Julian and Gary S. Vescelius

2004 *Languages of the Pre-Columbian Caribbean*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.

Greenberg, Joseph

1960 General classification of South and Central American languages. In *Men and Culture: Selected Papers*, edited by Anthony F. C. Wallace. Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences, September 1-9, 1956. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Pp. 791-794.

Greene, David L.

1986 *Assessment of the State of Preservation of Human Skeletal Remains from Ma-*

rajo Island, Para, Brazil. Report submitted to the National Science Foundation, Washington, DC

Gumilla, J.

1791 *Historia Natural, Civil y Geografica de las Naciones Situadas en las Riveras del Rio Orinoco*. El Orinoco Ilustrado. Volume 1. Barcelona: Carlos Gibert y Tuto.

Harris, Peter

2011 Nabarima: A Warao sacred place in South Trinidad. In *Proceedings of the XXI Congress of the International Association for Caribbean Archaeology*. Gainesville: University of Florida. Pp. 486-499.

Heinen, H. Dieter

1988 Los Warao. In *Aborígenes de Venezuela*, edited by Walter Coppens and Bernard Escalante. Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Instituto Caribe de Antropología y Sociología. Monografía No. 35. Caracas: Monte Avila Editores. Pp. 585-689.

Heinen, H. Dieter, editor

1988 *Oko Waro: Marshland People of the Orinoco Delta*. Ethnologische Studien Bd. 4. Munster, Germany: Lit Verlag.

1972 Residence rules and household cycles in a Warao subtribe: The case of the Winikina. *Antropologica* 31: 21-86.

2009 *The Kanobo Cult of the Warao Amerindians of the Central Orinoco Delta: The Nahanamu Sago Ritual*. Ethnologische Studien Bd. 41. Munster, Germany: Lit Verlag.

Heinen, H. Dieter.; Ruddle, Kenneth.

1974 Ecology, ritual, and economic organization in the distribution of palm starch among the Warao of the Orinoco Delta. *Journal of Anthropological Research* 30(2), p. 116-138.

Heinen, H. Dieter and R. Gasson, editors

2008 *Forasteros en su Propria Tierra: Testimonio de los Amerindios Warao*. Centro de Antropología, Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas. Caracas: Ediciones IVIC.

Heinen, H. Dieter, Jose J. San Jose, Hortensia Caballero Arias, and Ruben Montes

1995 Subsistence activities of the Warao Indians and Anthropogenic changes in the Orinoco Delta vegetation. *Naturaleza y Ecología Humana en el Neotropico. Nature and Human Ecology in the Neotropics*, edited by H. Dieter Heinen, Jose J. San Jose, and Hortensia Caballero Arias. Scientia Guaianae No. 5. Caracas: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas.

Henderson, Andrew

1995 *The Palms of the Amazon*. New York: Oxford University Press.

Henderson, Andrew, Gloria Galeano, and Redrigo Bernal

1995 *Field Guide to the Palms of the Americas*. Princeton: Princeton University

Press.

Herrmann, Stefanie

2002 Warao. In *Encyclopedia of Linguistics*. Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers.

Hilhouse, William

1825 *Indian Notices or Sketches on the Habits, Characters, Languages, Superstitions, Soils, and Climate of the Several Nations*. Printed for the author.

1834 Memoir on the Warow Land of British Guiana. *Journal of the Royal Geographical Society* 4: 320-332

Hugh-Jones, Christine

1979 *From the Milk River: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.

Im Thurn, E. F.

1883 *Among the Indians of Guiana: Being Sketches, Chiefly Anthropologic, From the Interior of British Guiana*. London: Kegan, Paul, Trench & Co.

Johnson, Kevin P. and Michael D. Sorenson

1999 Phylogeny and biogeography of dabbling ducks (Genus: *Anas*): A comparison of molecular and morphological evidence. *The Auk* 116(3): 792-805.

Kahn, Francis.

1988 Ecology of economically important palms in Peruvian Amazonia. *Advances in Economic Botany* 6, p. 42-49.

Keymis, Lawrence

1596 *A Relation of the Second Voyage to Guiana*. London: Thomas Dawson.

Kirchoff, Paul

1948 The Warrau. In *Handbook of South American Indians. Vol. 3. The Tropical Forest Tribes*, edited by Julian H. Steward. Pp. 869-881. Washington, DC: Smithsonian Institution.

Lasso, Carlos A. and Paula Sanchez-Duarte~

2011 *Los Peces del Delta del Orinoco. Diversidad, Bioecología, Uso y Conservación*. Fundación La Salle de Ciencias Naturales y Chevron C. A. Venezuela. Caracas

Lasso, Carlos A., Jose S. Usma, Fernando Trujillo, and Anabel Rial, (eds.)

2010 *Biodiversidad de la Cuenca del Orinoco: Bases Científicas para la Identificación de Áreas Prioritarias para la Conservación y Uso Sostenible de la Bioversidade*. Bogotá: Instituto de Investigación de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt, WWF Colombia, Fundación Omacha, Fundación La Salle e Instituto de Estudios de la Orinoquia (Universidad Nacional de Colombia).

Lathrap, Donald W.

1970 *The Upper Amazon*. New York: Praeger, 1970

Layrisse, M., Z. Layrisse, and Johannes Wilbert

1963 Blood group antigen studies of four Chibchan tribes. *American Anthropologist* 65(1): 36-55.

Layrisse, M. and J. Wilbert

1966 *Indian Societies of Venezuela: Their Blood Group Types*. Instituto Caribe de Antropología y Sociología, Fundación La Salle de Ciencias Naturales, Monography No. 13. Caracas.

Lorenzi, Harri J.

2002 *Brazilian Trees: A Guide to the Identification and Cultivation of Brazilian Native Trees*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora.

Meggers, Betty J.; Evans, Clifford. *Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon*. Bureau of American Ethnology, Bulletin 167. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1957

Mora Urpi, J.

1999 Origen y domesticación. In J. Mora Urpi and J. Gainza Echeverría, editors. *Palmito de Pejibaye (Bactris gasipes Kunth): Su cultivo y industrialización*. San José, CR: Editorial Universidad de Costa Rica. Pp. 17-24.

Morcote-Rios, G. and R. Bernal

2001 Remains of palms (Palmae) at archaeological sites in the New World: a review. *The Botanical Review* 67(3):309-350.

Moreno Estrada A., S. Gravel, F. Zakharia, J.L. McCauley, J.K. Byrnes, C.R. Gignoux, et al.

2013 Reconstructing the Population Genetic History of the Caribbean. *PLoS Genet* 9(11):e1003925.

Mosonyi, E. E. and J. C. Mosonyi, and B. Arintero

2000 Warao. In *Manual de las Lenguas Indígenas de Venezuela*, edited by E. E. Mosonyi and J. C. Mosonyi. Vol. 1. Pp 116-183. Caracas: Fundación Bigott.

Murrieta, R. S., D. L. DuFour, and A. D. Siqueira

1999 Food consumption and subsistence in three Caboloc communities on Marajo Island, Amazonia, Brazil. *Human Ecology* 27: 455-475.

Navarro, Alexandre G.

2018a Morando no meio dos rios e lagos: mapeamento e análise cerâmica de quatro estearias do Maranhão. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. impresso)*, v. 31, p. 73-103, 2018.

2018b New evidence for late first-millennium AD stilt-house settlements in Eastern Amazonia. *Antiquity*, v. 92, p. 1586-1603, 2018.

2018c *As Estearias do Maranhão: A Pesquisa Acadêmica do Laboratório de Arqueologia da UFMA*. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão (EDUFMA).

Oliver, Jose R.

2008 The archaeology of agriculture in ancient Amazonia. In *The Handbook of South American Archaeology*, edited by Helaine Silverman and William Isbell. New York: Springer. Pp. 185-216.

2014 Nuevos aportes a la arqueología del sitio de Saladero, bajo Orinoco, Venezuela. In *Antes de Orellana. Actes del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazonica*, edited by S. Rostain. Quito: Instituto Frances de Estudios Andinos. Pp. 97-112.

Olsen, Dale A.

1996 *Music of the Warao of Venezuela: Song People of the Rainforest*. Gainesville: University Press of Florida.

Padoch, Christine and Miguel Pinedo-Vasquez

1999 Farming above the flood in the Varzea of Amapa: Some preliminary results of the Projeto Varzea. In Padoch, Christine, J. M. Ayres, M. Pinedo-Vasquez, and Andrew Henderson, editors. *Varzea: Diversity, Development, and Conservation in Amazonian's Whitewater Floodplains*. Advances in Economic Botany 13. New York: New York Botanical Garden. Pp. 345-354.

Piperno, D. R., and D. Pearsall

1998 *The Origins of Agriculture in the Lowland Tropics*. San Diego: Academic Press.

Politis, Gustavo

1996 *Nukak*. Bogota: Instituto de Investigaciones Cientificas SINCHI.

2007 *Nukak: Ethnoarchaeology of an Amazonian People*. Translated by Bem Alberti. Walnut Creek: Left Coast Press.

Plassard, Louis.

1868 Les Guaraounos et la delta de l'Orenoque. *Bulletin de la Societe de Geographie* 15(5), p. 568-592.

Purdy, B.

1990 *Wet Site Archaeology*. Boca Raton: CRC Press of Taylor & Francis Group, an Informa business.

Purdy, B. (ed.)

2001 *Enduring Records: The Environmental and Cultural Heritage of Wetlands*. WARP Occasional Papers No. 15. Oxbow Books.

Rabelo, Alfonso

2012 *Frutos Nativos da Amazonia Comercializados nas Feiras de Manaus*. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia, Editora INPA.

Rabelo, Alfonso and Felipe Franca

2015 *Buriti: Coleta, Pós-coleta, Preprocessamento, e Beneficiamento dos frutos de Buriti (Mauritia flexuosa L. f.)*. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia (INPA).

Raffles, Hugh.

2002 *In Amazonia: A Natural History*. Princeton: Princeton University Press.

Raleigh, Sir Walter

1997 *The Discoverie of the Large, Rich and Bewtiful Empyre of Guiana*. Transcribed annotated, and introduced by Neil L. Whitehead, editor. The American Exploration and Travel Series. Norman: University of Oklahoma Press.

Romero, Simon

2008 Mystery disease kills dozens in Venezuela. *New York Times* August 6.

Roosevelt, Anna C.

La Gruta: An early tropical forest community of the middle Orinoco. In *Ensayos Antropologicos en Homenaje a J.M. Cruxent*. Erica Wagner and Alberta Zucchi (eds.). Caracas: Centro de Estudios Avancados, Instituto Venezolano de Investigaciones Cientificas, 1978, p. 173-201.

1980 *Parmana: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. Studies in Archaeology. New York: Academic Press.

1991 *Mound-builders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. Studies in Archaeology. San Diego: Academic Press.

1995 Early pottery in the Amazon: Twenty Years of Scholarly Obscurity. In *The Emergence of Pottery: Technology and Innovation in Ancient Societies*, edited by W. Barnett and J. Hoopes. Washington, D.C.: Smithsonian Institution. Pp. 115-131.

1997 *Excavations at Corozaal, Venezuela: Stratigraphy and Ceramic Seriation*. Yale University Publications in Anthropology, No. 83. New Haven.

1998 Ancient and modern hunter-gatherers of lowland South America: An evolutionary problem. In *Advances in Historical Ecology*, edited by W. Balee. New York: Columbia U. Press. Pp. 190-212.

2000a Who's on first? There's still no end to the controversy over when and how humans populated the New World. *Natural History*, October/November, 7: 76-79.

2000b The lower Amazon: A dynamic human habitat. In *Imperfect Balance: Landscape Transformations in the Precolumbian Americas*, edited by D. L. Lentz. New York: Columbia University Press. Pp. 455-491.

2010a Long-term human-environment interaction in Amazonia. In *Amaz'homme: Sciences de l'Homme Sciences de la Nature en Amazonie*, edited by E. V. Barone, R. and A. C. Roosevelt. *Ibis Rouge*. Cayenne, FG. Pp. 17-44.

2010b Humans and nature in Amazonia: Integrative scientific theory for a complex dialectic. In *Amaz'homme: Sciences de l'Homme Sciences de la Nature en Amazonie*, edited by E. V. Barone, R. and A. C. Roosevelt. *Ibis Rouge*. Cayenne, FG. Pp. 417-429.

2013a The great anaconda and the Amazon woman: A powerful and dangerous ancestral spirit from creation time to today. In *Colocataires d'Amazonie: Hommes, Animaux, et Plantes de Part et D'Autre de L'Atlantique*, edited by Egle Barone Visigalli. Cayenne: Ibis Rouge.

2013b Amazonia and the anthropocene: 13,000 Years of Human Influence in a Rainforest. *The Anthropocene* 4:69-87. Elsevier, citation: <http://dx.doi.org/10.1016/j.anecene.2014.05.001>.

2016 Method and theory of early farming: The Orinoco and Caribbean coasts of South America. *Earth Science Research* 6(1):1-42. Toronto: Candian Center for Science and Education.

Roosevelt, Anna C. et al.

1991 Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science* 254(5038): 1621-1624.

1996 Paleoindian cave dwellers in the Amazon: The peopling of the Americas. *Science* 272: 373-384.

2009 Early hunter-gatherers in the *terra firme* rainforest: Stemmed projectile points from the Curua goldmines. *Amazonica* 1(2): 422-483.

Roosevelt, Anna C., John E. Douglas, and Linda J. Brown

2002 Migrations and adaptations of the first Americans: Clovis and Pre-Clovis viewed from South America. In *The First Americans: The Pleistocene Colonization of the New World*, edited by Nina Jablonski. *Memoirs of the California Academy of Sciences* No. 27. Berkeley: University of California Press and the California Academy of Sciences. Pp. 159-236.

Roosevelt, Anna C., ed.

1994 *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*. Tucson: University of Arizona Press.

Rostain, S.

2008 The archaeology of the Guianas: An overview. In *Handbook of South American Archaeology*, edited by Helaine Silverman and William Isbell. New York: Springer. Pp. 279-302

Roth, Walter E.

1915 *An Inquiry into the Animism and Folklore of the Guiana Indians*. 30th Annual Report of the US Bureau of American Ethnology. Washington, DC: Smithsonian Institution.

1924 *An Introductory Study of the Arts, Crafts, and Customs of the Guiana Indians*. Washington, DC: Government Printing Office.

Rouse, I. and J. M. Cruxent

1963 *Venezuelan Archaeology*. Caribbean Series 6. New Haven: Yale University Press.

Sandoval, J. and P. Acevedo-Rodriguez

2018 Datasheet *Xanthosoma sagittifolium* Elephant ear. 15 pp. Wallingford, UK: Centre for Agriculture and Bioscience International.

Sanoja O., Mario

1979 *Las Culturas Formativas del Oriente de Venezuela: La Tradicion Barrancas del Bajo Orinoco*. Estudios, Monografias y Ensayos 6. Caracas: Biblioteca de la Academia Naccional de la Historia.

Sanoja O., Mario and Iraida Vargas Arenas

1995 *Gente de la Canoa: Economía Política de la Antigua Sociedad Apropiadora del Noroeste de Venezuela*. Caracas: Fondo Editorial Tropykos, Comisión de Estudios de Postgrado, FACES - UCV.

Schaan, Denise P.

2004 *The Camutins Chieftdom: Rise and Development of Complex Societies on Marajo Island, Brazilian Amazon*. Ph.D. dissertation, Department of Anthropology, University of Pittsburgh.

Schnee, Ludwig

1984 *Plantas Comunes de Venezuela*. 3rd edition. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Ediciones de la Biblioteca.

Schomburgk, Richard

1847-1848 *Reisen in Britisch-Guiana in den Jahren 1840-1844. In Auftrag Sr. Majestät des Königs von Preussen ausgeführt von R. Schomburgk. Nebst einer Fauna und Flora Guiana's, etc. Mit Abbildungen und einer Karte von Britisch-Guiana aufgenommen von Sir Robert Schomburgk*. Leipzig: J. J. Weber.

1876 *Botanical Reminiscences of British Guiana*. Adelaide: W. C. Cox, Government Printer.

1922-1923 *Travels in British Guiana*. Trans. and ed. by Walter E. Roth. 2 vols. Georgetown, BG: Daily Chronicle office. (first published 1847-1848)

Schomburgk, Robert H.

1840 *A Description of British Guiana*. London: Simpkin, Marshall, & Co.

Seifart, Frank and Harald Hammarstrom

2017 Language isolates in South America, in *Language Isolates*, edited by Lyle Campbell. In Press. London: Routledge. Pp. 260-286.

Semple, Kirk

2018 AIDS runs rampant in Venezuela, Putting an ancient culture at risk. *New York Times* May 7.

Smith, Nigel

2015 *Palms and People in the Amazon*. Geobotany Studies. Cham: Springer.

Smole, William J.

1976 *The Yanoama: A Cultural Geography*. Pan American Series. Austin: University of Texas Press.

Steege, H. ter et al.

2013 Hyperdominance in the Amazonian tree flora. *Science* 342: 1243092: 1-9.

Stenborg, Per, editor

2004 *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region by Curt Nimuendaju*. Ethnological Studies. Goteborg:

Steward, Julian H. and Louis C. Faron

1959 *Native Peoples of South America*. New York: McGraw-Hill Book Company.

Suarez, Maria Matilde

1968 *Los Warao*. Caracas: Departamento de Antropología, Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas.

1971 Terminology, alliance, and change in Warao society. *Nieuwe West-Indische Gids* No. 1, April. 56-129. Martinus Nijhoff.

Vargas Arenas, Iraida

1981 *Investigaciones Arqueológicas en Parmana: Los Sitios de la Gruta y Ronquin Estado Guarico, Venezuela*. Estudios, Mongrafias, y Ensayos 20. Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia.

Versteeg, Aad

2008 Barrancoid and Arauquinoid moundbuilders in coastal Suriname. Edited by Helaine Silverman and William Isbell. New York: Springer. Pp. 303-318.

von Humboldt, Alexander

1850 *Aspects of Nature in Different Lands and Different Climates*. Translated by Mrs. Sabine. Philadelphia: Lea & Blanchard.

Whitehead, N., editor

1997 Introduction to *The Discoverie of the Large, Rich, Bewtiful Empyre of Guiana by Sir Walter Raleigh*, N. Whitehead (ed.). The American Exploration and Travel Series. Norman: University of Oklahoma Press.

Wilbert, Johannes

1956a Rasgos culturales Circuncaribes etre los Warrao y sus linferencias. *Memoria de la Sociedad de Ciencias Naturales La Salle*. Vol. 16 No. 45: 237-257.

1956b Los instrumentos musicales de os Warrau (Guarao-Guaraouno). *Antropologica* 1: 1-22.

1957 Prologo. In *Diccionario Guarao-Espanol, Espanol-Guarao*, by Basilio Barral. Sociedad de Ciencias Naturales La Salle, Monografia 3. Caracas: Ediciones Sucre. Pp. 7-18.

1962 Dibujos de Indios Venezolanos. *Antropologica* 11: 45-60.

1963 Vestidos y ornamentos de los Indios Warao. *Antropologica* 12: 6-26.

1964 Warao oral literature. *Memoria de la Sociedad de Ciencias Naturales La Salle* No. 9. 199 pp.

1970 *Folk Literature of the Warao Indians*. Latin American Series Volume 15. Los Angeles: University of California Latin American Center.

1972 *Survivors of El Dorado: Four Indian Cultures of South America*. New York: Praeger.

1976 *Manicaria saccifera* and its cultural significance among the Warao Indians of Venezuela. *Botanical Museum Leaflet* 24: 275-335.

1980a The Warao Indians of the Orinoco Delta. In Wilbert and Layrisse, eds., *Demographic and Biological Studies of the Warao Indians*. Los Angeles: University of California Latin American Center. Pp. 3-12.

1980b. Navigators of the Orinoco delta: A picture essay. In Wilbert and Layrisse, eds., *Demographic and Biological Studies of the Warao Indians*. Los Angeles: University of California Latin American Center. Pp. 91-114.

1987 *Tobacco and Shamanism in South America*. New Haven: Yale University Press.

1993 *Mystic Endowment: Religious Ethnography of the Warao Indians*. Cambridge: Harvard University Press.

Wilbert, J. and M. Layrisse, editors

1980 *Demographic and Biological Studies of the Warao Indians*. UCLA Latin American Studies Volume 45. Los Angeles: University of California.

Williams, Denis

1992 El Arcaico en el Noroeste de Guyana y los comienzos de la horticultura. In *Prehistoria Sudamericana*, edited by B. J. Meggers. Washington, CD: Taraxacum. Pp. 233-251.

Yuyama, L.K., K. Yuyama, J. P.L. Aguiar, F.H. Alencar, D. Nagahama, and H. A. Marinho

2013 *Fruteiras da Amazonia: Potencial Nutricional*. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazonia (INPA).